

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

A Universidade e o espirito secular da instrucção humanista

§. 1 — Conflictio da influencia papal e real na Universidade

Tentar a historia do ensino sem conhecer a genealogia das ideias ensinadas, ou pelo menos a sua influencia nos methodos pedagogicos, é entrar com os olhos fechados em um campo de manifestações, tão complexas como este que se relaciona com toda a civilização européa. Temos pedagogistas fechados para todas as ideias geraes e philosophicas, e por isso emmaranhados nas particularidades de uma critica negativa convertem o desgosto da sua impotencia constructiva no azedume contra tudo o que não é o assombro pelo oraculo.

Depois das ideias dominantes no ensino humanista, temos as tentativas dos principaes espiritos da Edade media para o estabelecimento de uma Classificação dos Conhecimentos. Nas disciplinas das Universidades, como a de Vercelli, em 1228, encontramos a *Theologia*, as *Leis*, as *Decretaes*, a *Medicina*, a *Dialectica* e a *Grammatica*; ¹ na Universidade de Coimbra ensinavam-se as *Leis*, os *Canones*, a *Musica*, a *Medicina*, a *Dialectica* e a *Grammatica*. Existia um pensamento commum a todas as Universidades; e esse pensamento só pôde ser explicado como uma applicação das theorias taxonomicas das sciencias segundo a época.

¹ Tiraboschi, *op. cit.*, t. iv, p. 55.

A mudança da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1309, conservou a Theologia separada do novo estabelecimento, sendo ensinada exclusivamente nos mosteiros, e as Artes e Sciencias em casas de aluguer e depois no sitio onde mais tarde veio a fundar-se o Collegio de S. Paulo. Nos primeiros Estatutos dados por Dom Diniz á Universidade em 1308, estabelece-se o quadro pedagogico: «Fundamos na nossa Universidade de Coimbra, á qual n'este ponto damos a preferencia, e inauguramos radicalmente o Estudo geral, querendo que sejam mestres das *sagradas lettras* os religiosos das Ordens Dominicana e Franciscana... Alem d'isso para que o nosso reino possa ser melhor governado no estudo das sagradas lettras, queremos que haja um professor em *Leis*, para que os governantes e Juizes do nosso reino possam com o conselho dos peritos decidir as questões subtis e arduas. Tambem accrescentamos ao sobredito Estudo, que haja um mestre em *Medicina* para que agora e no futuro os corpos de nossos subditos sejam dirigidos sob o devido regimen da sanidade. Item, queremos que ahi mesmo hajam Doutores e Mestres de *Dialectica* e *Grammatica* para que recebam com o fundamento de quererem ser ministros e juizes e nos que acharem mais agudeza de intelligencia aquelles que desejarem chegar a maiores sciencias.» Nas *Memorias politicas*, de Joaquim José Rodrigues de Brito vem uma redução dos ordenados dos lentes da Universidade n'esta primeira epoca: «Segundo a Memoria tirada das *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, impressa por Francisco Leitão Ferreira em 1729, o Lente de Prima de *Leis*, tinha de renda 21\$600, ou 600 libras; o de *Canones*, 18\$000 reis; e o de *Musica*, 2\$340. Conhecemos já que as libras d'aquelle tempo eram de 36 reis cada uma, e que 600 valiam 21\$600, que multiplicados por 19 sommam 410\$400 reis; e por 4, em 1:641\$600, ou mais de 4:000 cruzados. Os 18\$000 reis do lente de Prima de *Canones* em 1:368\$000 reis; e os 2\$340 do Professor de *Musica* em 177\$840 reis de hoje. Não nos devemos de admirar pois de que se leia em todos os historiadores que o snr. D. Diniz convidara com grandes ordenados aos lentes das Universidades da Europa, quando vêmos que lhes assignou uns d'esta qualidade; nós devemos notar que elles deviam ser um bom attractivo n'uns tempos em que o luxo privado era limitadissimo.» ¹ A leitura dos Estatutos da Universidade de Coimbra, apre-

¹ *Op. cit.*, t. II, p. 78. (1803.) Os salarios eram pagos por duas vezes, em dia de S. Lucas, e no de S. João Baptista.

sentados pelo rei Dom Diniz em carta de 15 de Fevereiro de 1309, só nos confirma os enormes privilegios concedidos á classe escolar, com um fóro independente para os que praticassem algum crime; com a faculdade de elegerem reitor, conselheiros, bedel e outros officiaes da Universidade; com taxa marcada para os alugueres de casa, e podendo viajar pelo paiz sem pagar portagem, alem de muitas outras garantias para não serem perturbados no seu estudo. A sciencia tendia a converter-se em um poder social, e effectivamente os Jurisconsultos estabeleceram regras de direito, já recebidas da jurisprudencia romana que renascia nas Universidades, já coordenando os costumes ou praxes conforme a razão. Para que se fundasse uma unificação da esphera civil, quando ella não era reconhecida, e existiam o foro da nobreza, o foro ecclesiastico, o foro real, e os foros locaes, em conflicto permanente, era preciso que a classe especulativa dos escholares gozasse tambem o favor das immunidades, para que ella produzisse esses espiritos austeros que reduziram as formas pessoasas da auctoridade á acção abstracta do Ministerio publico.

Alem da influencia dos estudos humanisticos na emancipação da consciencia individual, as Universidades exerceram uma profunda acção social cooperando pelos seus doutores legistas para a libertação e preponderancia da esphera civil. Esta obra interessava directamente os reis; e se a fundação da Universidade pelo rei Dom Diniz é simultanea com a restricção do direito de conferir nobreza e limitação da classe que gosava d'esse foro estabelecidas nos *Nobiliarios*, tambem aquelle rei que unificou os fóros locaes, convertendo as garantias dos Foraes no direito commum das Ordenações do Reino, o rei Dom Manuel, reorganisa a Universidade dando-lhe novos Estatutos, e em 1537 Dom João III chama a si a faculdade de lhe nomear os Reitores. Todas as leis e decretos que se acham no Archivo nacional relativos á Universidade de Coimbra, e summariados no Indice da legislação por João Pedro Ribeiro, encerram quasi que exclusivamente privilegios e doações de rendimentos. Quando a Universidade passou para Coimbra, accentuou-se mais o seu character secular, sendo Mestre Pedro, physico do rei, e Martim Lourenço, seu clerigo, os procuradores na côrte dos negocios da Universidade.

N'esta epoca, em que a Theologia absorvia toda a cultura dos espiritos, a Medicina era olhada como um tanto heterodoxa, por causa das escholares arabes; o facto da preferencia ligada pelo rei ao seu physico condiz com a guerra de intrigas domesticas em que o envolveram os franciscanos, já com a chamada Rainha Santa, já com o proprio filho. Uma provisão de 1 de Dezembro de 1312 permite que os Escholares e os Lentos possam comprar casas em Coim-

bra e deixal-as por sua morte a *pessoas leigas*; era evidentemente um intuito de definir o caracter secular de uma classe cujo instituto era dotado com bens ecclesiasticos.

Dizia o antigo ditado: « Onde está o rei, está a côrte; » e conseqüentemente a Universidade, como fundação real, devia estar proxima da sua auctoridade immediata. Por uma Carta de 16 de Agosto de 1338 foi transferida a Universidade de Coimbra para Lisboa, dando-se como fundamento « *a assistencia que n'esta cidade fazia El-rei a maior parte do anno.* » ¹

A instituição universitaria, pela sua tendencia secular ou civil, significava tambem uma centralisação do ensino; assim, por Carta de 22 de Outubro de 1337 o rei Dom Pedro manda que os Reitores e Conservadores não consintam que alguém ensine fóra das Escolas e dê lição, salvo de *Partes* ou de *Regras* ou de *Catão* ou de *Carta*, ou dos Livros menores; e os que quizerem lêr os Livros maiores os venham lêr nas Escolas. ² Este mesmo intuito centralizador é manifesto na penalidade imposta em 1384 por Dom João I, condemnando os que lêrem fóra das Escolas em 10 libras pela primeira vez, em 20 pela segunda, sendo á terceira expulsos. Pela prohibição de 1337 se infere que já se ia destacando um ensino elementar de primeiros rudimentos, que constava da Carta do A B C e da leitura dos Proverbios de Catão. No *Leal Conselheiro* do rei Dom Duarte ha uma referencia ao ensino das crianças: « E filhayo por huã A B C de lealdade, ca he feito principalmente para senhores e gente de suas casas, que na theoria de taes feitos em respeito dos sabedores por moços deveemos seer contados, para os quaes A B C he sua propria ensinança. » ³ Na sua obra o rei Dom Duarte cita por vezes os Proverbios de Catão; sobre este livro escreve Leroux de Lincy: « De todos os Livros de moral empregados durante a Edade media para o ensino da mocidade, o mais celebre é o que traz o nome de Dyonisius Cato. É uma colleção de preceitos dividida em quatro partes, na qual a sabedoria antiga do paganismo se mistura ao ensino dos primeiros christãos. » ⁴ Os *Disticos de Catão* pertencem, segundo Fabricio, ao seculo II; Isidoro de Sevilha, Alcuino, Abélard, Hincmar e João de Salisbury citam-os como a obra

¹ Liv. IV da Chanc., fl. 30 v. Ap. J. P. Ribeiro, *Ind. chr.*

² Ap. Memorias de Figueiroa.

³ Op. cit., p. 5.

⁴ *Le livre des Proverbes français*, t. I, p. XLII (1842),

mais adaptada á educação das crianças; por esta apreciação se explica a sua persistencia nas escholas, e como no seculo XIII se converteram em proverbios que se aproximaram dos similes populares. Dom Duarte ainda no primeiro quartel do seculo XV invocava a sua auctoridade: « Do que pertence aos senhores, mais no screvo, por me non louvar ou doestar por que o *Gatom* o defende... »¹

As *Regras*, a que se refere a prohibição de 1337, suppômos serem as que se contam no *Symbolo de Santo Athanasio*, do qual aqui apresentamos uma traducção do seculo XIV, copiada do Ms. n.º 266 da Livraria de Alcobça:

Qualquer
que quiser
salvo seer,
sobre todo
lhe ha mister
de teer
a fee *commum* ;
ca a qual
se a cada hum
non tever
inteira e nom
corrompida,
sem duvida
pera sempre
sua alma
será perdida.

Ca fee *commum*
aquesta he
que honremos hum
Deus em Trindade
e Trindade
em unidade ;
esta he
a fé *commum*
a qual
se cada huñ
fielmente,
firmemente
nom creer
per nenhuma guisa
salvo pode ser. ¹

Este texto foi tambem um d'aquelles em que mais cedo se exerceu a lingua franceza na Edade media. Sob o titulo de *Partes* achamos no ensino da Theologia, na cadeira de Véspera, *As partes de Sam Thomaz*, que tambem se indicam no quarto anno do Curso de Artes do seculo XVI a 1.ª e 2.ª de *Sam Thomaz*. Era assim que na linguagem das escholas medievaes se denominava a *Summa Theologica*.

A necessidade de um centralismo pedagogico resultava do estado de cahos doutrinário contra o qual se pretendia reagir por um severo dogmatismo. Remusat caracteriza este cahos doutrinário no

¹ *Leal Conselheiro*, p. 38.

² Neste texto substituímos a palavra *catholica* por *commum*, por causa da recomposição da fôrma metrica.

typo eminente de Abélard, que em theologia era *trinitario*, em metaphysica *platonico*, em logica *aristotelico*, e em rhetorica *ciceroniano*. O mesmo cahos se dava na jurisprudencia entre os bartholistas ou civilistas e os *decretalistas* ou canonistas. Um tal cahos só podia desaparecer gradualmente á medida que o ensino se fosse restringindo ás bases positivas e unanimes da sciencia objectiva e experimental, que assignala a Renascença.

No preambulo dos Estatutos (sem data) dados por Dom Manuel referindo-se historicamente á fundação do *Estudo geral* e á sua situação em Coimbra, acrescenta: « E El-Rei Dom João de esclarecida memoria, meu bisavô, por seu mandado e carta patente fez, que o dito Estudo e Universidade fosse reduzido e para sempre collocado em a muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, logar insigne e tão notavel donde o Infante Dom Henrique de boa memoria, meu thio, fez doação ao dito Estudo de casas em que lessem, e salariou honradamente a Cathedra de Prima de Theologia por doze marcos de prata lavrada, etc. » Vê-se que antes de Dom João I a Universidade teve mais duas trasladações, apparecendo outra vez em Coimbra, por 1367, e transferindo-se para Lisboa em 1373 « por causa dos Lentes estrangeiros quererem residir em Lisboa. » Uma Carta de Lei de 24 de Julho de 1367 dá providencias ás queixas da Universidade de Coimbra contra o seu conservador João Esteves de Meira, por fazer audiencia em sua casa — « sem a querer fazer no Curral dos Paços ou á porta da Sé, como antes praticava elle e seus antecessores. »

Sob o reinado de Dom Fernando a Universidade não estava ainda isempta da jurisdicção papal, pelo que se vê da Carta de 7 de Outubro de 1378, em que o rei pede a Gregorio II para que na Universidade de Lisboa se dêem grãos de Bacharel, de Licenciado e Doutor em qualquer Faculdade, e que se usem as insignias respectivas.

Em 1373, por Carta de 2 de Setembro, concede-se o privilegio aos Lentes da Universidade, então residentes em Lisboa, de andarem em mulas, e em 1378 passa-se uma nova Carta de privilegios a favor da Universidade de Lisboa.¹

A vacillação da Universidade ora em Lisboa ora em Coimbra, provinha da instabilidade da côrte, que só veiu a fixar-se em Lisboa em Dom João I; assim, em 1384, quando este rei confirmou

¹ Liv. iv da Chanc. de D. Fernando, fl. 12. (Ap. J. P. Ribeiro.)

os privilegios dos seus antecessores á Universidade, quiz que fosse *para sempre* collocada em Lisboa.

Os principaes documentos do Cartorio da Universidade versam sobre incorporações de Igrejas na dotação do Estudo geral, então collocado « á porta de Santo André, da cidade de Lisboa, da parte de fora, contra o arravalde dos mouros. »

No reinado de Dom João I ainda os estudantes pagavam salario aos Lentes, como se vê pela Carta de 6 de Fevereiro de 1392, em que determina, que os estudantes ricos paguem 40 libras aos Lentes de Leis e Decretos; os medianos que paguem 20 libras, e os mais pobres 10 libras, isto é, o dobro do que se estabelecera no Estatuto feito pelos Reitores.

O *Livro Verde*, da Universidade, dá noticia do estabelecimento das Escolas geraes em uma casa comprada pelo Infante D. Henrique em 1431, e doada « para as sete artes liberaes, grammatica, logica, rhetorica, arismetica, musica, geometria e astrologia... que se lêam na casa pequena... e ai se pintem as sete artes liberaes... a fóra a grammatica, que é de grande arruido está na casa de fóra... e a logica na logea... e a medicina n'outra casa e ahi se pinte Gualliano... e em cima se lerá theologia e ahi se pinte a Trindade... na de Decretos se pinte um papa... na de filosofia natural e moral Aristoteles... na de Leis um imperador. » ¹ Por este documento se infere qual a fórmula do estudo da grammatica, em voz alta e em chusma, feita provavelmente pelo texto do *Doutrinal* de Alexandre de Villa Dei, então tão vulgarizado que vem citado no Catalogo dos Livros de uso do rei Dom Duarte simplesmente com o nome *Alexandre*. O *Doutrinal* renovava os velhos tratados grammaticaes de Servio, Varrão e Prisciano, dominando de um modo absoluto em todas as escholas; assim quando entrou em Portugal a influencia de Nebrixa, distinguuiu-se o methodo, chamado *arte n'ova*, como se infere do documento de 1494 em que se mencionam mestres de *grammatica de arte velha e da nova*. Quando o infante D. Henrique deu casa á Universidade, eram reitor do Estudo Vasco Gil, e o licenciado Diogo Affonso de Mangancha, Mestre Martinho, João Affonso de Leirea, Luiz Martins, João d'Elvas e Gomes Paes, lentes; d'entre estes nomes destaca-se o do Dr. Mangancha, que no seu testamento de 9 de dezembro de 1447 instituiu um *Collegio para dez estudantes pobres* nas suas casas a Sam Jorge, onde possuia tam-

¹ Op. cit., fl. 101. Extracto de Gabriel Pereira, *Boletim de Bibliographia*, p. 212.

bem uma notavel livraria. ¹ O Dr. Mangancha realisava o pensamento do Infante Dom Pedro; em uma Carta de João Pedro Ribeiro ao arcebispo Cenaculo, cita-se um papel sobre o provimento dos bispos, do seculo xv, junto com uma Carta do Infante D. Pedro, escripta durante a sua viagem ao rei D. Duarte seu irmão, na qual se lamenta por «ordenarem-se os que *ignoram latim*, busca o remedio na *reforma da Universidade*, propõe o estabelecimento n'ella de *Collegios a exemplo dos de Oxonia e Paris.*» ²

A fundação de *Collegios* junto das Universidades é um facto bem caracteristico do principio do seculo xiv, sobretudo em Paris, como se vê invocado pelo testemunho do Infante Dom Pedro. O Dr. Mangancha comprehendeu o espirito do seu tempo, attendendo aos *estudantes pobres*, a quem já allude Dom João I fazendo-os contribuir com a quarta parte do que os outros pagavam para o salario dos Lentes. O Collegio de Arras, (1302-1332) fôra fundado exclusivamente para os estudantes pobres d'aquella localidade que iam frequentar a Universidade de Paris; o Collegio do pateo Chardonnet, já dispunha de cem bolsas para dotação de alumnos; o Collegio de Navarra é dotado pela rainha, mulher de Philippe o Bello, com vinte bolsas para o estudo da Grammatica, trinta para a Dialectica e vinte para a frequencia da Theologia. Estes Collegios constituem-se pelo seu desenvolvimento crescente em centros de ensino elementar, como o typo primario dos Gymnasios allemães ou dos Lyceus portuguezes. Victor Leclerc enumera a longa lista dos Collegios fundados junto da Universidade de Paris, destacando-os das escholas episcopaes, das ordens monachaes e das nações estrangeiras, de

¹ No pequeno catalogo dos livros do Dr. Mangancha cita-se um *Chino*, isto é, o *Commentario* volumoso dos nove primeiros livros do *Codigo*, publicado pelo celebre professor da Universidade de Bolonha *Cino da Pistoia*, mestre de Bartholo. O seu *commentario* data de 1314, e tem a importancia de ser a base em que os juriscultos *civilistas* se apoiaram contra os *decretalistas*. Diz Ginguéné, na sua *Historia litteraria da Italia*: «Os canonistas e os legistas formavam como que duas seitas inimigas; e não sómente na sua qualidade de legista, mas como ardente gibelino, Cino tinha um grande desdem pelas decretaes, pelos canones e por tudo o que compunha a jurisprudencia papal.» (Ob. cit., t. II, p. 296.) As duas influencias pontifical e real nas Universidades caracterisam-se com evidencia n'este antagonismo entre canonistas e legistas. João das Regras trouxe para Portugal as opiniões bartholistas, que vieram a prevalecer na Universidade e na grande pleiada dos *reimicolas*.

² *Boletim de Bibl. portugueza*, t. I, p. 108.

que se acha vestigios em 1392. As ordens mendicantes assaltavam estes Collegios pelo seu parasitismo evangelico; e por isso elles destinavam-se especialmente aos pobres seculares, taes como os *escolares pobres da Sorbona*, os *moços pobres de S. Thomaz e do Louvre*; Leclerc cita o costume da eleição do Reitor, em dia de *S. Julião o pobre*.¹ Os Estudantes pobres seguiam ás vezes a vida mendicante, cantando de terra em terra, como se vê pelo canto escripto pelo Arcipreste de Hita, *De como los Escolares demandam por Dios*:

Señores, dat al Escolar
Que vos vien demandar,
Dat limosna o racion;
Faré por vos oracion
Que Dios vos dé salvacion
Quered por Dios á mi dar. Etc.²

Eram estes clérigos ou escolares vagabundos, a quem o povo chamava os *Sopistas*; o costume das vacações mendicantes conservou-se na Hespanha até ao primeiro quartel d'este seculo, em que alguns chegavam até Portugal trazendo cosidos no chapéo um garfo e uma colher como insignias da classe. Nas Poesias de Alvaro de Brito, da collecção de Resende, allude-se tambem a esta classe:

Estudantes prégadores
metem santas escripturas
em sermões,
derivados em amores,
fazem de falsas figuras
tentações.

Quando virem tal caminho
da má prégação se afastem,
os que ouvem;
dem-lhe todos de focinho,
taaes metáforas contrastem
e deslouvem.³

Os Collegios tornavam-se uma necessidade não só para os estudantes pobres, como para central-os em corporações que os disciplinassem na sua turbulencia. Em Portugal os Collegios ficaram

¹ Op. cit., p. 270.

² Coll. Sanchez, ed. Ochoa, p. 516 e 520.

³ *Canc. de Rezende*, t. 1, p. 189.

inteiramente absorvidos pelas ordens monasticas, sendo para alli que a aristocracia portugueza mandava os seus filhos, pela confusão que ainda hoje persiste entre a educação e a instrução. Os Collegios de Santa Cruz de Coimbra, onde havia o de Todos os Santos para os *estudantes honrados pobres*, é que primeiro se ligaram á vida da Universidade quando foi transferida para Coimbra. Até á extincção das ordens monachaes em Portugal em 1834, os Collegios ou a instrução secundaria fez-se sempre nos mosteiros; a educação de Alexandre Herculano foi ainda no Collegio do Espirito Santo dos padres das Necessidades, ou da Congregação do Oratorio. O facto geral explica-se pela supremacia que a Theologia veiu a ter na Universidade, onde ainda hoje conserva a precedencia honorifica a todas as outras Faculdades.

A intervenção do Infante Dom Henrique nos negocios da Universidade de Lisboa deu em consequencia ficar a sua administração entregue ao Mestrado de Christo, para o pagamento do salario dos professores. « O mestre de Leis recebia 600 libras; o de Decretos, 500; o de Physica, 200; o de Grammatica, 200; o de Logica, 100; o de Musica, 75; e dois Conservadores, a 40 cada um. » O pagamento fazia-se em duas prestações, por Sam Lucas (18 de Outubro) e a segunda pelo Sam João.¹ O pessoal da Universidade era em 1438 de 3 lentes de *Leis*, 4 de *Grammatica*, 3 de *Decretaes*, 2 de *Logica*, 1 de *Fisica*, 1 de *Theologia*, 1 de *Musica*. Como fôra o infante Dom Henrique que introduzira a Theologia na Universidade, elle dotou a nova cadeira no seu testamento em 1460: « Item, ordeno e mando que o lente de theologia da cathedra de prima, aja em cada huum anno pera sempre doze marcos de prata, por a primeira renda dos dizimos que a Ordem de Christo ha na ilha da Madeira, pelo qual fará o principio no estudo, e dirá certas missas e pregações segundo faz declaração na carta minha que lhe della leixo. E esto em renembrança da doaçam que lhe fiz das casas em que estáa o dito Estudo. »² Esta pensão foi acceite por bulla de Sixto iv, em 1472, então já convertida em doze talentos. Durante o seculo xv a Universidade de Lisboa, dotada pelos renditos de doze egrejas parochiaes, e com a incorporação dos rendimentos de casas, egrejas, terras, pinhaes, e garantidos os seus lentes com a aposentação por impossibilidade physica com dois terços de ordenado, arrasta uma existencia obscura, indo a principal aristocra-

¹ *Livro Verde da Universidade*, fl. 2. (Ap. *Boletim*, p. 226.)

² Testamento publicado no opusculo *A Eschola de Sagres*, pelo marquez de Sousa Holstein, p. 84.

cia portugueza frequentar as Escolas de Santa Cruz de Coimbra, ou os philologos da Italia e de Paris.

A Universidade atrazara-se conservando confundido o ensino das Escolas menores, ou secundario, com o das Escolas maiores ou superior; a classificação das disciplinas estava ainda estabelecida pelo regimen do *Trivium* e *Quadrivium*, ou das *Sete Artes*, com o systema de coordenação scientifica de Raymundo Lullo. O rei D. Duarte conhecia as doutrinas philosophicas dos *Raymonistas* ou *Lullistas*; na Bibliotheca de Alcobaça (cod. 383) guardavam-se as Obras de Raymundo Lullo, *Compendio da Arte demonstrativa*, e *Arte inventiva da Verdade*.¹ Não admira pois que a coordenação das disciplinas da Universidade se conformasse com a Classificação das Sciencias por Lullo; para este philosopho, a *Theologia* é a base dos conhecimentos, porque o seu objecto é Deus, e em seguida é a *Philosophia* que nos revela o conhecimento das causas e dos effeitos, nas seguintes categorias:

- | | | |
|-----------------|---|---|
| a) NATURAL..... | { | <i>Metaphysica.</i>
<i>Physica</i> Medicina.
<i>Mathematica</i> .. { Astronomia,
Musica,
Arithmetica. |
| b) MORAL..... | { | <i>Monastica</i> , ou governo de si mesmo.
<i>Economica</i> , ou governo de um para muitos.
<i>Politica</i> , ou governo de muitos por muitos (Leis.) |
| c) SERMOCIONAL. | { | <i>Grammatica</i> ,
<i>Logica</i> ,
<i>Rhetorica</i> . |

Grande somma de elementos d'esta classificação já apparecem systematisados quasi pela mesma fórma por Sam Boaventura, que tambem dera á *Theologia* a proeminencia, e separando as Artes mechanicas ou praticas das doutrinas theoricas, reduz todas estas á

- | | | |
|------------------|---|---|
| PHILOSOPHIA..... | { | <i>Racional</i> ... { Logica,
Rhetorica,
Grammatica.
<i>Natural</i> ... { Physica,
Mathematica,
Metaphysica.
<i>Moral</i> { Monastica,
Economica,
Politica. |
|------------------|---|---|

¹ Os *Raymonistas* pretendiam explicar os mysterios da fé pela razão; eram uns racionalistas prematuros, combatidos pela Sorbona.

Só depois de conhecer estas classificações do saber medieval, é que se comprehende a tendencia do ensino das Universidades em tornar-se prematuramente *philosophico* em vez de *scientifico*. A sciencia contradictava os dogmas da Egreja, e a Theologia entendia-se bem com as vagas abstracções de uma *Metaphysica* tradicional, tornando-a a sua *ancilla*. Quando se deu a grande crise da renovação das Sciencias no seculo xvi, as Universidades reconheceram que entravam n'um periodo critico, tendo de abandonar o seu humanismo ; a lucta foi grande, sob o nome de *aristotelismo*, designação imperfeita para denominar a velha dialectica universitaria, e teve seus martyres, como Pedro de la Ramée ; mas as Universidades não acompanharam o novo espirito critico, porque os Jesuitas, como activa milicia papal, apoderaram-se d'ellas recrudescendo no exclusivismo pedagogico das humanidades.

THEOPHILO BRAGA.

PROJECTO DE ORGANISAÇÃO

DE UMA

SOCIEDADE COOPERATIVA DE CREDITO E SEGUROS

(Conclusão)

CAPITULO I

Natureza e fim da sociedade

Artigo 1.º A sociedade cooperativa de credito e seguros institue-se sob o principio da mutualidade, com o fim de proporcionar fundos ao trabalho, garantias e socorros aos trabalhadores.

Art. 2.º É indeterminado o tempo da sua duração.

Art. 3.º A sua séde é em Lisboa.

Art. 4.º O systema das suas operações divide-se em duas secções independentes: a do Credito e a dos Seguros.

§. 1.º Fazem parte da primeira ou do

CREDITO

a) como operações activas:

== o desconto de letras e outros papeis fiduciarios a prazo certo que não exceda seis mezes;

== a cobrança, ou pagamento de quantias por conta alheia, por via de cartas de credito devidamente affiançadas, ou por outro meio;

== a transferencia de fundos entre as praças nacionaes e estrangeiras;

== o emprestimo, sobre penhores moveis de qualquer natureza; — sobre hypothecas de bens de raiz; — sobre direitos adquiridos de registros, e patentes; — sobre material de fabricas; — sobre mercadorias armazenadas; — sobre colheitas ou productos agricolas;

== sendo-lhe vedada a compra e venda, e toda a especie de negocios, em papeis de credito, em fundos publicos nacio-

naes ou estranhos ; — e a consolidação de reservas metallicas em fundos ou em titulos fiduciarios proprios ou alheios adquiridos por compra.

b) como operações passivas :

— o contracto de emprestimo por emissão de obrigações parcellares com juro fixo e amortisação variavel ;

— a guarda em deposito separado, gratuita ou com premio, de metaes preciosos, joias, especies metallicas, titulos e outros valores ;

— a guarda em deposito, de especies metallicas á disposição e ordem do depositante mediante abono de juro ;

— a liquidação de heranças e a compra ou venda para terceiros, e mediante commissão, de especies ou papeis fiduciarios ;

— o contracto de emprestimo com juro convencional por contas correntes, sobre letras, notas promissorias com prazo certo, e effeitos commerciaes, com vencimento não superior a seis mezes.

§. 2.º Fazem parte da segunda secção, ou de

SEGUROS

a) os seguros contra incendio, de fabricas, ferramentas, habitações, mobilias, generos armazenados, searas e productos agricolas encelleirados ;

b) os seguros individuaes contra a doença, a falta de trabalho, o recrutamento, por meio da prestação de subsidios para alimentos, soccorros medicos, verbas para funeral, e para substituição militar emquanto as leis a conservarem ;

c) os seguros de vida, por meio de abono de pensões a viuas e orphãos necessitados ;

d) convertendo-se em depositos a cargo da secção do Credito, e mediante abono de juro, os fundos de reserva fluctuantes dos seguros das duas primeiras categorias, e o fundo permanente dos da terceira.

§. 3.º São interdictas á sociedades todas as operações que não estejam enumeradas n'este artigo ; e quando o ingresso de depositos na secção do Credito tornasse excessiva e anti-economica a existencia metallica, a administração lhe fará baixar a cifra, reduzindo o juro até o abolir, sendo necessario.

Art. 5.º Regulamentos e tabellas especiaes determinarão os limites maximo e minimo da cifra das operações, a tarifa dos premios e quotas de seguros, a importancia das pensões, e condi-

ções em que serão devidas; tendo em vista o principio da instituição que é auxiliar efficazmente o trabalho nos limites das suas necessidades economicas e individuaes, e nunca fomentar o negocio de especie bancaria, sob o ponto de vista do lucro.

Art. 6.º A sociedade poderá, quando assim convenha, ramificar-se por todo o paiz, instituindo succursaes.

CAPITULO II

Constituição e regime economico

Art. 7.º Fundada sob o principio da mutualidade, a sociedade funciona sem capital; isto é, sem a congregação de parcelas por meio de acções com o fim da divisão dos lucros. Esses lucros, por se eliminarem, resultam em economia e beneficio dos que necessitam do auxilio do credito e dos seguros.

O fundo activo da sociedade é constituído com a importancia das suas operações passivas. Para que, porém, a área da sua acção benefica não deixe de estender-se, quanto deve, enquanto espera pelo gradual desenvolvimento das operações normaes passivas, o fundo inicial constituir-se-ha por meio de um emprestimo extraordinario, primeiro propulsor da existencia social.

Art. 8.º O emprestimo de que trata o artigo precedente será fundado pela emissão de obrigações de divida do titulo de dez mil reis, vencendo juro de seis por cento ao anno.

§. 1.º As obrigações serão emittidas por series de mil, á medida que as operações sociaes o reclamarem, e com approvação da assembléa geral onde estão representados os portadores das obrigações das series emmittidas.

§. 2.º O prazo da amortisação das obrigações é variavel e indeterminado.

§. 3.º Os excessos de existencia metallica, provenientes da gradual constituição normal do passivo, serão exclusivamente applicados á amortisação das obrigações até concorrência do numero total d'ellas.

§. 4.º Os portadores de obrigações fruirão dos direitos do Estatuto no titulo correspondente.

Art. 9.º Os depositos á ordem e a prazo constituirão a base do fundo applicado para as operações indicadas no art. 4.º §. 1.º a), chamando á circulação fecunda as economias do trabalhador.

§. 1.º Os depositos vencerão juro variavel segundo as condições e occasião, salvo o caso previsto no §. 3.º do art. 4.º

§. 2.º Os depositantes fruirão dos direitos do Estatuto no título correspondente.

Art. 10.º Não sendo a concorrência o elemento immediato de determinação da taxa do desconto e do premio das outras operações activas, essa taxa e esse premio determinam-se pelo preço resultante da somma dos encargos do passivo, variando com elles.

§. 1.º Alem da variabilidade, proveniente da somma dos encargos, as taxas e premios variarão tambem conforme a natureza e a occasião das operações propostas.

§. 2.º Essas variações circumscrever-se-hão porém a um maximo e um minimo que serão fixados annualmente pela assembléa geral.

§. 3.º Tendo em vista o principio de que o preço das operações activas deve apenas cobrir os encargos das passivas, mas attendendo a que estes só podem determinar-se *à posteriori* em quanto o primeiro tem de fixar-se *à priori*, — a tarifa maxima e minima de cada exercicio será arbitrada perante os resultados do exercicio anterior.

§. 4.º Os gerentes da sociedade, com approvação da assembléa de secção, proporão á assembléa geral, e esta votará os limites entre que deve durante o exercicio oscillar a taxa das operações de credito.

§. 5.º Igualmente se procederá para a determinação da taxa maxima de juro a abonar-se aos depositos.

§. 6.º Não havendo no primeiro exercicio da sociedade elementos de calculo experimental, nem devendo contar-se tam pouco que durante elle o fundo para o Credito se constitua normalmente com os depositos, o estatuto estabelece o maximo de 7 e o minimo de 5 para as operações activas, e o maximo de 3 % ao anno para os depositos.

Art. 11.º Liquidadas as contas de cada exercicio, se formará, com o saldo que houver, depois de pagos todos os encargos do passivo, o fundo de reserva destinado a cobrir os prejuizos eventuaes; para que elles não possam vir onerar extraordinariamente a taxa do desconto no exercicio que se lhes seguir.

§. 1.º A somma do fundo de reserva é indeterminada, porque tem de ser sempre proporcional á importancia das operações activas na razão de $\frac{1}{2}$ por cento.

§. 2.º A assembléa geral ratificará annualmente esta disposição do estatuto, fixando a somma perante o exame do total das operações do exercicio transacto.

Art. 12.º O saldo que ainda houver, depois de retirado o fundo de reserva, passará para a conta do seguinte exercicio, entrando

a sua importancia em conta para a determinação das taxas do art. 10.º e seus §§. 1.º a 3.º

Art. 13.º As joias, quotas, ou pensões dos socios inscriptos e os premios dos riscos tomados constituem o activo da secção dos Seguros.

§. unico. Tabellas e regulamentos especiaes determinarão a quantia e a fórma de pagamento das quotas, joias, ou pensões dos seguros individuaes e de vida (art. 4.º §. 1.º, *b*, *c*); e os premios dos seguros de fazendas (id. *a*); bem como as importancias, condições e especie de subsidios, soccorros, ou pensões a viuvas e orphãos, nos seguros das especies *a* e *b*. Esses regulamentos e tabellas serão submittidos á approvação da assembléa geral; bem como qualquer modificação que de futuro haja a fazer-lhes.

Art. 14.º O principio da mutualidade preside ao systema das operações de seguros; e o da necessidade ao dos soccorros e pensões. Do primeiro resulta que as taxas normaes são as que se inferem do calculo da somma dos encargos; e do segundo que as pensões de viuvez e orphandade principalmente só devem ser attribuidas a quem d'ellas tiver reconhecida necessidade. Taes pensões são o meio de combater a miseria, e não um modo de consolidar fortuna em favor de herdeiros.

§. 1.º As taxas dos seguros contra incendio cobradas pelas companhias organisadas capitalistamente incluem, além do premio do risco propriamente dito, a parcella do dividendo do capital; as taxas dos seguros mutuos têm de baixar até concorrência da importancia d'este segundo factor. Como porém só os dados experimentaes podem determinar de futuro essa baixa, o premio dos seguros contra fogo começará por ser igual aos premios analogos cobrados pelas companhias, até que possa determinar-se a somma da redução.

§. 2.º Achando-se já regularmente organisados em instituições vigentes os seguros individuaes e de vida sob o principio mutualista, começarão por adoptar-se, com as modificações que o estudo indicar, as tarifas analogas de outros institutos, dentro dos limites que, nos termos do §. unico do artigo 13.º, forem determinados para este; e ulteriormente se reverão essas tarifas, modificando-se, caso assim a assembléa o julgue conveniente.

Art. 15.º A secção dos Seguros divide-se em tres sub-seccões economicamente independentes: *a*) *seguros materiaes*, ou contra o incendio; *b*) *seguros individuaes*, ou contra a doença e falta de trabalho; *c*) *seguros de vida*, ou familiares, contra a miseria por morte do chefe da familia.

§. unico. Cada uma d'estas sub-seccões constitue de per si só uma instituição mutua, e os saldos ou lucros que uma d'ellas

possa apresentar n'um momento, jámais servirão a cobrir deficits de outra; mas sim a baratear a taxa do seguro da sub-seccção especial a que se referirem os saldos.

Art. 16.º A importancia annual das receitas de cada uma das sub-seccções será applicada para satisfação dos encargos ordinarios, e além d'isso para a consolidação dos fundos especiaes de seguros.

§. 1.º A importancia dos fundos de seguros é por sua natureza indeterminada, e variavel segundo a especie diversa de cada uma das tres categorias de seguros.

§. 2.º Para os seguros da primeira categoria, ou materiaes, o fundo de reserva se irá consolidando até representar 1 % da importancia media dos riscos tomados annualmente; e até que esse fundo esteja completo a taxa não poderá ser reduzida.

§. 3.º Para os seguros da segunda categoria, ou individuaes, o fundo de reserva será relativamente minimo, por ser esta especie de seguros isenta de riscos, e por se saldarem proximamente em cada exercicio as receitas e os encargos como succede nos montepios de classes.

§. 4.º Para os seguros da terceira categoria, ou de vida, o fundo não é propriamente uma reserva para os riscos eventuaes, mas sim um capital consolidado, cujo rendimento, sommado ás receitas ordinarias, fórma o activo com o qual se tem de attender as pensões de viuvez e orphanidade. Por isso, uma vez determinadas as tabellas de quotas e pensões que serão permanentes e fixas, todo o saldo annual positivo irá sendo accumulado na consolidação do fundo.

Art. 17.º A importancia dos saldos positivos das contas das tres sub-seccções de Seguros, quer esses saldos representem fundos de reserva ou permanentes, quer excesso de receita para ser absorvido pela diminuição de quotas em futuros exercicios, entrará como deposito da seccção de Seguros na seccção do Credito.

§. 1.º Todas as existencias metallicas fluctuantes da seccção de Seguros serão depositadas na de Credito em conta corrente.

§. 2.º Nenhuns fundos da seccção de Seguros poderão ter applicação diversa das que lhes marca o estatuto, isto é, pagamento de encargos proprios das operações de seguros, e deposito da seccção do Credito.

§. 3.º Os depositos da seccção de Seguros têm a preferencia sobre os particulares e nunca poderão ser recusados pela seccção do Credito.

§. 4.º Esses depositos vencerão o juro de 3 % ao anno, e não vigoram para elles as disposições do artigo 4.º §. 3.º

§. 5.º A seccção dos Seguros far-se-ha representar nas assem-

bléas como credora por depositos de um modo igual ao que para os depositantes particulares estabelece o §. 2.º do artigo 9.º e nos termos do que em geral estatue o cap. III.

CAPITULO III

Organisação administrativa

TITULO I

Da assembléa geral

Art. 18.º A assembléa geral da sociedade é a reunião de todos os interessados, activa ou passivamente, na existencia da instituição.

§. 1.º Reune-se ordinariamente uma vez em cada anno, e extraordinariamente sémpré que qualquer das assembléas de secção o requeira.

§. 2.º As reuniões annuaes ordinarias não poderão exceder o prazo de um mez além da epocha em que termine o exercicio annual da sociedade.

Art. 19.º Os membros da assembléa geral têm direitos diversos conforme a natureza das suas relações para com a sociedade. Esses direitos são o da assistencia e voz nas discussões, o qual é commum a todos, e o do voto que é restricto dentro dos limites seguintes :

- a) para os portadores de obrigações conta-se 1 voto por obrigação do valor de 10\$000 reis, não podendo contar-se a um mesmo individuo ou corporação mais de 10 votos ;
- b) para os depositantes corresponde 1 voto a cada parcella de 10\$000 reis depositada, com igual restricção ;
- c) para os endossantes de letras descontadas corresponde 1 voto a cada parcella de 100\$000 reis, não podendo cada individuo ou corporação contar por mais de 1 voto ;
- d) para os devedores hypothecarios igual direito com a mesma restricção.
- e) para os devedores de todas as outras naturezas não ha direito de voto.
- f) para os segurados da primeira categoria, ou de seguros materiaes, conta-se 1 voto por cada parcella de 10\$000 reis de premios pagos durante o exercicio ; e cada segurado não póde ter mais de 1 voto ;
- g) para os segurados da segunda categoria, ou de seguros

individuaes, cada voto corresponde a um grupo de 50 segurados e recae sobre o delegado para esse fim eleito;

h) para os segurados da terceira categoria, ou de seguros de vida, regulam condições iguaes ás anteriores;

i) para os pensionistas de maior idade regem tambem condições iguaes.

§. 1.º Para que os direitos de voto conferidos por este artigo possam exercer-se é mister :

a) que os portadores de obrigações as tenham averbadas em seu nome tres mezes pelo menos antes da epocha da assembléa geral;

b) que os depositantes tenham em deposito actual a quantia que dá o direito ao voto, e que esse deposito dure desde um anno pelo menos;

c) que os endossantes de letras o tenham sido, por letras diversas durante o anno, por somma igual áquella sobre que tem o direito de voto, correspondente á somma de letras em carteira na occasião da assembléa;

d) que as dividas hypothecarias durem desde um anno pelo menos;

f) que os seguros não estejam vencidos, pois só pelos riscos pendentes se dá o direito de voto, e que esses seguros não vencidos tenham anteriormente durado por menos um anno.

§. 2.º O direito de assistencia e de voto nas sessões da assembléa geral verificar-se-ha pelas listas formuladas pela gerencia para os grupos *a-f*; e pelas actas de eleição dos delegados dos grupos *g-i*; eleição que se fará na assembléa da secção dos Seguros.

§. 3.º O voto é pessoal e só é admittido por procuração o marido pela mulher, o tutor pelo tutelado, o socio pela firma; nenhum membro da assembléa geral póde porém ser procurador de mais de um membro ausente; e as procurações só podem ser conferidas a membros da assembléa.

§. 4.º A assembléa geral considera-se constituida logo que se ache representado $\frac{1}{3}$ do passivo da sociedade e reunido o numero minimo de 20 membros. Quando, convocada, se não reunir numero sufficiente, será adiada para trinta dias depois, podendo então deliberar quaesquer que sejam o numero de membros, e a parte do passivo representada.

Art. 20.º A mesa da assembléa geral que dirigirá os trabalhos d'esta será composta de um presidente, um vice-presidente e dois secretarios.

§. unico. Na falta dos membros da mesa a assembléa nomeará por eleição quem os substitua.

Art. 21.º A assembléa geral resolverá por maioria de votos e as eleições serão feitas por escrutinio secreto.

Art. 22.º É da competencia privativa da assembléa geral :

1.º Eleger a sua mesa, e os gerentes ;

2.º Fixar annualmente o vencimento dos gerentes, e o quadro e vencimentos dos empregados da sociedade ;

3.º Ratificar ou modificar as taxas maxima e minima das operações de credito activas e passivas, assim como as quotas e premios de seguros e as pensões, subsidios e soccorros ;

4.º Discutir e approvar ou não as contas e relatorio da gerencia, e os relatorios especiaes das assembléas de secção ;

5.º Votar os regulamentos complementares do Estatuto, e ampliar, modificar ou alterar este ultimo ;

6.º Resolver sobre todas as questões administrativas com a autoridade soberana que reside n'ella.

Art. 23.º Todos os membros da assembléa geral têm o direito de exame das contas e actas da sociedade que lhes serão patentes por espaço de um mez antes do dia da reunião.

Art. 24.º São gratuitas as funcções de mesarios da assembléa geral.

TITULO II

Das assembléas de secção

A) Secção do Credito

Art. 25.º A assembléa da secção do Credito é a reunião de todos os representantes do activo e passivo da sociedade n'esta secção.

§. unico. Reune-se ordinariamente todos os trimestres, e extraordinariamente sempre que a gerencia o requerer, ou que o exigir um grupo de pelo menos dez individuos, representando o minimo de $\frac{1}{10}$ das obrigações passivas da secção.

Art. 26.º A constituição da assembléa é em tudo igual á da assembléa geral conforme o disposto no artigo 19.º e seus §§. na parte em que se referem ás operações do credito.

§. unico. Contra o que dispõe o §. 4.º do artigo 19.º a assembléa considera-se constituida logo que se reunam 10 membros representando $\frac{1}{6}$ do passivo.

Art. 27.º A constituição da mesa, a fórma das decisões, o direito de inspecção de contas, e a gratuitidade das funcções da me-

sa, vigoram para a assembléa de secção de fôrma analoga ao que dispõem os artigos 20.º, 21.º, 23.º e 24.º

Art. 28.º É da competencia privativa da assembléa de secção :

- 1.º Eleger a sua mesa ;
- 2.º Fiscalisar os actos da gerencia, que trimestralmente lhe apresentará um balanço, contas e relatorio dos seus actos ;
- 3.º Verificar e approvar as listas dos membros da assembléa geral pela secção respectiva, formuladas pela gerencia ;
- 4.º Auctorisar aquellas operações que excederem os limites de somma até onde forem, pelos regulamentos, as attribuições da gerencia.
- 5.º Formular o seu parecer annual sobre os actos da gerencia, propondo as medidas que entender convenientes em relatorio á assembléa geral.

B) Secção de Seguros

Art. 29.º A assembléa da secção de Seguros é a reunião de todos os segurados de todas as tres categorias de seguros, e de todos os pensionistas.

§. unico. Os segurados têm voto individual para todas as decisões da assembléa ; os pensionistas só o têm para a nomeação dos delegados á assembléa geral (art. 19.º, i).

Art. 30.º A constituição e exercicio da assembléa da secção dos Seguros é em tudo analoga á da secção do Credito, salvo as reservas do Estatuto.

§. 1.º Além de attribuições especiaes analogas ás que o art. 28.º estabelece para a secção do Credito, tem a assembléa da secção dos Seguros a de eleger os delegados á assembléa geral (art. 19.º, f-i).

§. 2.º A delegação á assembléa geral é annual.

Art. 31.º As mesas das assembléas geral e de secção duram por um anno, podendo os seus membros ser reconduzidos.

TITULO III

Da gerencia

Art. 32.º A gerencia representa a sociedade para com o publico e os poderes constituídos.

§. 1.º Os gerentes serão tres, solidariamente responsaveis, cabendo a um a presidencia e aos dois restantes a direcção dos negocios das duas secções independentes da sociedade.

§. 2.º Além da responsabilidade solidaria dos tres, cada um

dos dois gerentes a cujo cargo está a direcção especial das secções é responsavel pelos negocios d'aquella que lhe couber em parte.

§. 3.º As funcções da gerencia são annuaes e retribuidas, sendo a retribuição fixada pela assembléa geral.

Art. 33.º A assembléa geral elege a gerencia e ao mesmo tempo tres substitutos que servirão na falta justificada dos effectivos.

Art. 34.º As funcções de gerente ou substituto estão sujeitas ás condições seguintes :

1.º A fiança por 1:000\$000 reis effectuada, ou por deposito em especie, vencendo juro de 3 %, na caixa da sociedade ; ou por hypotheca de valor equivalente ;

2.º Ser o candidato membro da assembléa geral, com o direito a voto ;

3.º Não ter fallido em commercio ;

4.º Abster-se do exercicio de operações de credito ou seguros, por si, ou como socio de parceria commercial ;

5.º Não poder effectuar operações de credito, passivas, com a sociedade.

§. unico. Os substitutos só são obrigados ás condições 1.ª e 5.ª desde que entrem em exercicio effectivo.

Art. 35.º São attribuições especiaes da gerencia :

1.º Effectuar as operações a que a sociedade é destinada nos termos prescriptos no Estatuto ;

2.º Formular os regulamentos necessarios para o desenvolvimento das operações e submettel-os ás assembléas de secção e geral ;

3.º Propôr o quadro e vencimentos dos empregados da sociedade ;

4.º Requerer a reunião de assembléas de secção todas as vezes que isso fôr necessario ;

5.º Apresentar trimestralmente ás mesmas assembléas, o balanço, contas e relatorio ; e, annualmente, á assembléa geral iguaes documentos referidos ao exercicio completo.

6.º Admittir e demittir os empregados da sociedade.

Art. 36.º A falta de gerente effectivo será preenchida pelo substituto mais votado, ou mais idoso sendo as votações iguaes.

§. unico. Sempre que a ausencia do effectivo no serviço não seja motivada por interesse da sociedade, cessará o vencimento com a effectividade, sendo transferido ao substituto.

CAPITULO IV

Liquidação

Art. 37.º A liquidação da sociedade só poderá ter logar quando a assembléa geral assim o resolva, sendo para isso necessario que n'ella se achem representados todos os interesses activos e passivos na razão de $\frac{2}{3}$ da sua totalidade.

Art. 38.º A liquidação parcial de qualquer das duas secções da sociedade é contraria ao principio da instituição, e condição terminantemente irrevogavel do Estatuto.

Art. 39.º Resolvida a liquidação geral nos termos do art. 37.º, o fundo correspondente ás pensões devidas será transferido por escriptura áquella das instituições mutualistas que a assembléa indique; e caso houvesse um saldo depois de satisfeitos os encargos do passivo, esse saldo seria distribuido pelas instituições de beneficencia indicadas pela assembléa.

OLIVEIRA MARTINS.

ORADORES SAGRADOS—POESIA RELIGIOSA E PATRIOTICA

(Continuação)

Estão ahi as ideias de Caneca, seu estylo, seu caracter, suas ousadias e illusões patrioticas.—Transcrevêmos essas paginas como o programma e o ponto de partida de uma revolta que sem trazer-nos resultados praticos, offereceu ensejo apropriado para revelar-se o animo apoucado, traiçoeiro e despótico do homem que o *Brazil extemporaneamente condecorou com o titulo de imperador...* As suas villezas de 24 prepararam-lhe a expulsão em 31 e n'este sentido, bem haja a morte dos patriotas pernambucanos.—É impossivel fallar de Caneca sem lembrar o nome de seu collaborador de revolta—

José da Natividade Saldanha, o melhor poeta brasileiro do primeiro quartel d'este seculo.

Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco em 1796, formado em direito em Coimbra em 1823, passando-se ao Brazil, tomou parte na revolução que proclamara a *Republica do Equador*. Foi secretario do presidente Paes de Andrade. Depois da tomada do Recife fugiu para a Inglaterra, mais tarde passou-se á França, aos Estados-Unidos e finalmente á Venezuela. Morreu em Caracas, ao que se presume, em 1827. Apesar de ser um contemporaneo de W. Scott, Th. Moore, Schelley, Byron e Göthe, é um classico; mas é-o com força e brilho.—Era um accentuado mestiço de sangue branco e negro.

Viveu vida atribulada, morreu moço no exilio, não tendo tempo e lazeres para avigorar o seu talento. N'elle as notas principaes eram a lyrica e a patriotica. A primeira apparecia, porém, de longe em longe, e offuscada por preocupações melancolicas. N'estes poucos momentos elle deixava entrever o arrebatamento, a turbulencia sensualista do mestiço.—Se visita a *quinta das Lagrimas*

em Coimbra, e vae fallar da morte de Ignez de Castro, ouve-a primeira em suspirosos espasmos nos braços de seu amante :

« Á sombra d'este cedro venerando
Momentos mil gosaste encantadores...
Aqui mesmo sentada entre os verdores
Te achou mil vezes Pedro suspirando...

Parece-me que estou inda escutando
Teus suspiros, teus ais, e teus clamores...
Parece-me que a *fonte dos Amores*
Inda está de queixosa murmurando!...

Aqui viveu Ignez!... E reclinada
À borda d'esta fonte clara e pura,
Foi, que horrivel memoria! traspassada! —

Mortaes, gemei de magoa e de ternura;
N'esta rara belleza não manchada,
Foi culpa amor, foi crime a formosura... »

As primeiras estrophes denunciam o lyrismo meridional; depois vem a scena da morte.

O poeta tinha, como disse, umas preocupações morbidas que lhe empanaram o lyrismo; — eis aqui uma prova. Dirige-se á sua amante; começa em tom sereno que nos dá esperanças de uma gradação, até mostrar-nos uma bella scena de doce sensualidade; mas o resultado é outro: apresenta-nos um esqueleto!...

« Os teus olhos gentis, encantadores,
Tua loira madeixa delicada,
Tua bocca por Venus invejada,
Onde habitam mil candidos amores;

Os teus braços, prisão dos amadores,
Os teus globos de neve congelada,...
Serão tornados breve á cinza!... a nada!...
Aos teus amantes causarão horrores!

Céos! e hei de eu amar uma belleza
Que á cinza reduzida brevemente
Ha de servir de horror á natureza!...

Ah! mandai-me uma luz resplandecente,
Que minh'alma illumine, e com pureza
Só ame um Deus, que vive eternamente.»

Ha aqui um desvio, um desmantêlo morbido; o poeta era melancolico e taciturno. No exilio entregou-se á embriaguez, essa precursora da morte; na patria andava desconfiado por causa de sua côr e de sua origem. Era um triste.

« Noite, noite sombria, cujo manto
Rouba aos olhos mortaes a luz phebéa,
E em cuja escuridão medonha e feia
Mágoa inspira do mocho o triste canto ;

Tu avessa ao prazer, socia do pranto,
Que rompe do mortal a fragil téa,
Consola um infeliz, que amor aneia,
E a quem magoa é prazer, pezar encanto.

Vem, compassiva noite, e com ternura
Recolhe os ais de uma alma que suspira,
Opprimida de angustia e desventura ;

Recebe os ais de um triste, que delira ;
De um triste, que embrenhado na espessura
Suspirando saudoso, arqueira, expira. »

Mas isto não é falso ; não é a mentira romantica do byronismo.
— O poeta era um homem estudioso, serio e activo. Sua alma profundamente poetica precisava de um desabafo ; atirou-se á revolta, e expandiu-se a decantar os velhos horoes da patria. No exilio tinha fundas saudades de sua amante e da sua terra :

« Se no seio da patria carinhosa,
Onde sempre é fagueira a sorte dura,
Inda lembras, e lembras com ternura,
Os meigos dias da união ditosa ;

Se entre os dôces encantos de que gosa
Teu peito divinal, tua alma pura,
Suspiras por um triste e sem ventura,
Que vive em solidão cruel, penosa ;

Se lamentas com magua a minha sorte,
Recebe estes meus ais, oh minha amante ;
Talvez nuncios fieis da minha morte.

E se mais nos não virmos, e eu distante
Soffrer da parca dura o ferreo côrte :
Amou-me, dize então, morreu constante. »

Este poeta era homem de talento e de coração ; era um resto d'aquelles espiritos activos, que tivemos, e que nos prepararam a emancipação politica. Em Portugal, como estudante de 1819 a 23, em vez de occupar-se em seus cantos dos rebutalhados assumptos da poesia reinol, decantou as velhas glorias da historia pernambucana. Por este lado elle é unico em seu tempo e merece um posto especial na litteratura. Em seus hymnos patrioticos ha uma vida, um calor, um enthusiasmo, que só cincoenta annos mais tarde acharam um equivalente na alma do poeta dos *Voluntarios Pernambucanos*. Recommendamol-os á leitura de todos aquelles que

amam o Brazil. Leiam-se as odes a *Vidal de Negreiros*, a *Camarão*, a *Henrique Dias* e a *Francisco Rebello*.¹ Citemos apenas um soneto aos revolucionarios de 1819, versos escriptos pelo poeta quando ainda muito moço:

« Filhos da patria, jovens brasileiros,
Que as bandeiras seguís do marció nume,
Lembrem-vos Guararapes e esse cume,
Onde brilharam Dias e Negreiros.

Lembrem-vos esses golpes tão certos
Que ás mais cultas nações deram ciúme;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da patria, jovens brasileiros.

Esses, que alvejam campos, niveos ossos
Dando a vida por vós constante e forte,
Inda se presam de chamar-se nossos;

Ao fiel cidadão prospéra a sorte:
Sejam iguaes aos seus feitos os vossos,
Imitai vossos paes até na morte. »

Para tudo dizer sem rodeios — Saldanha tinha um grande talento, cheio de enthusiasmos pela patria, e repleto de desalentos por sua posição e por sua origem; era quasi negro e filho de um padre. — Os preconceitos de seu tempo fizeram-no soffrer por isso e por suas ideias liberaes.

Não é para surprehender que então assim procedessem os seus patricios, quando muitos annos mais tarde, o aristocrata e mediocre Adolpho de Varnhagen, fallando d'elle, em todo o repertorio de critico, achou sómente estas palavras para lhe consagrar: « Foi um *parvo de grande talento*; distinguuiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de principios *ultra-republicanos*... » E n'isto esgotou-se a facundia do visconde de Porto Seguro. Deixemel-o atraz e prosigamos.

O padre *Januario da Cunha Barbosa* (1780-1846) não é tão notavel como Caneca e Natividade Saldanha; mas é uma figura de valor. — Orador e poeta, politico e litterato, foi um homem activo, uma mediocridade cheia. — Como orador não tinha ousadias; como poeta repetia a centesima edição do classicismo inerte. Na politica trabalhou para nossa emancipação; na litteratura biographou al-

¹ Vid. *Poesias de Natividade Saldanha*, Recife, 1875.

guns escriptores patrios; estes ultimos são os seus melhores titulos. De tudo o que escreveu apenas raramente lê-se hoje o *Parnaso Brasileiro*.

O *Nitheroy*, os *Garimpeiros*, e a *Rusga da Praia Grande* estão esquecidos, e tudo o mais que escreveu em Revistas e jornaes.

Cunha Barbosa é uma d'aquellas celebridades politicas ou litterarias da época do 1.º imperador — em torno das quaes formou-se uma legenda, cuja densidade deve ser desfeita á luz da critica. Era mais um homem activo e destro do que um homem de grande talento e sciencia. Tinha a paixão das exhibições, por isso creou associações, como o *Instituto Historico*, e escreveu em varios jornaes e Revistas. No fundo não passava de um humanista rhetorico; a vulgaridade foi uma nota não rara em seus escriptos. Prestamos-lhe hoje attenção, porque o seu bom senso levou-o a collaborar na obra de nossa independencia. É este o facto capital de sua vida. Retirando-se do Rio de Janeiro aquella parodia de rei que se chamou João VI, lavra já entre nós fortemente o sentimento da emancipação, — e o conego Januario creou, de parceria com Joaquim Gonçalves Ledo, o *Reverbero Constitucional*, advogando a causa da independencia. Era isto em 1821; mais tarde partiu Cunha Barbosa para Minas a congrassar para a independencia as populações arredias e desconfiadas d'aquelles sertões. De volta ao Rio foi deportado para a Europa por José Bonifacio. Tornou ao Brazil em dezembro de 1823. Desde então até á morte, foi o conego Januario um auxiliar dos ministerios no *Diario do Governo*, foi o homem da ordem, das associações litterarias, do Conservatorio, do Instituto Historico, um homem útil, d'essa utilidade quasi negativa do legalismo pacato. Ás vezes tinha suas rebeldias contra alguns que lhe não agradavam. Por causa de uma d'ellas é que o general Abreu e Lima infligiu-lhe uma formidavel surra litteraria a que Januario pouco sobreviveu.

Se n'uma litteratura ha duas classes de obreiros, aquelles que produzem em qualquer esphera, na poesia ou na critica, na historia ou na philosophia, e aquelles que propalam o que os outros fizeram, que reúnem os trabalhos alheios esparsos, que estimulam, que advertem, se n'uma litteratura ha essas duas classe de obreiros, o conego Januario foi um nitido exemplar da segunda especie.

Se como orador e poeta elle é fatigante, o serviço que prestou aos estudos historicos e litterarios no Brazil merece-nos ainda hoje attenção.

(Continúa.)

SYLVIO ROMÉRO.

A EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA EM 1884

II

Na marcha da civilização representa a agricultura um papel importantissimo; antes de a conhecer, o homem, primeiro caçador depois pastor, não podia sahir do estado de barbarie, em que o forçava a conservar-se a vida nomada motivada pela procura da alimentação. Logo, porém, que os primeiros rudimentos da arte agricola se tornaram conhecidos, surgiram as primeiras sociedades, reunindo-se em volta do campo cultivado, e formando successivamente as aldeias, as villas, as cidades e as nações.

A industria agricola, ainda hoje nas sociedades modernas, é d'entre todas a mais importante, importancia que nunca diminuirá, pois que é da cultura da terra que o homem tira os meios de subsistencia para si e para os animaes de que se nutre, e a procura da alimentação é o facto constante, que se encontra no fundo de todos os problemas sociaes.

O grau de prosperidade da agricultura d'um paiz tem uma influencia decidida sobre o desenvolvimento da sua população, e sobre o seu estado de grandeza ou de decadencia, fórma o seu principal meio d'existencia e a occupação do maior numero.

Se, em França, a parte da população que se entrega á agricultura sobe a 53 % da população total, ao passo que a que se dedica ás outras industrias se eleva unicamente a 26 % — em Portugal se dá este facto d'uma maneira mais frisante ainda: ao passo que dos nossos 4 milhões de habitantes se entregam ás industrias uns 200:000 proximamente, a nossa população rural, que se dedica mais ou menos directamente á agricultura, sobe a 3 milhões.

É a nossa agricultura, que fornece as tres quartas partes dos valores, que exportamos, figurando nas importações apenas por um quarto.

Parece que uma agricultura, que apesar de pobre, ainda assim se encontra n'estas condições, constitue para nós um ramo bastante importante para justificar a necessidade que temos de envidarmos todos os esforços para a fazermos sahir do estado precario em que se encontra. Oxalá que a Exposição agricola da Tapada da Ajuda seja a inauguração d'uma nova era, caracterizada pelo chamamento da agricultura ao logar proeminente que lhe pertence na nossa vida de nação.

Está aberta a Exposição agricola.

Cabe de certo a quem a iniciou e organisou uma gloria que não queremos de modo algum offuscar, e somos os primeiros a censurar o procedimento de quem se obstina a analysar o quadro unicamente pelo seu reverso. Não é talvez dos mais brilhantes este reverso, mas se infelizmente cousa alguma se póde levar a effeito entre nós sem a concorrência de factos pouco regulares, será porventura para temer que ao querermos purificar o reverso do quadro, estraguemos completamente a pintura.

Será triste esta verdade, mas é a verdade.

Analysemos, portanto, o quadro sem o voltarmos. Permitta-se-nos comtudo que extranhemos que ao mesmo tempo que se accumulam os elogios sobre os membros da commissão executiva, nem sequer uma palavra se diga com respeito aos agronomos e intendentes de pecuaria dos districtos, sobre quem pesou a mais ingrata tarefa, percorrendo as regiões a seu cargo, para colherem os productos, e tendo de lutar e de vencer a indiferença e os argumentos, por vezes poderosos, dos agricultores, que não queriam concorrer.

É innegavel que a commissão executiva luctou com grandes obstaculos, e que a Exposição se apresenta sob um aspecto brilhante, mas não cantemos victoria, porque ainda estamos muito longe d'ella. Pouco habituados a estas manifestações, offusca-nos o seu brilho, classificando de anti-patrioticos, os que ousam vér as cousas por um prisma differente do nosso.

Anti-patrioticos são aquelles, que para adular, nos occultam a

verdade, porque esses não incitam a progredir, repetindo-nos cem vezes que já alcançamos a meta.

O grande poder da imprensa, em mãos que o não sabem manejar, longe de nos fazer caminhar, leva-nos ao estacionamento senão ao retrocesso. Parece-nos muito mais patriótico analysar os factos imparcialmente, apontando os defeitos, para que estes sejam eliminados.

Voltemos á Exposição, e procuremos saber qual a sua importancia, a sua utilidade real, como manifestação completa e verdadeira do estado da nossa agricultura. Corresponde ella sob este ponto de vista, o unico sob que deve ser considerada, ao que tínhamos o direito de esperar? Parece-nos que não, e o dizemos convictos, embora nos vejamos obrigados a desafinar do diapasão, que porventura nos queiram impôr.

A maior parte dos nossos agricultores abstiveram-se de concorrer ou concorreram d'uma maneira incompleta ou pouco sincera: que significa, por exemplo, um elegante agrupamento de garrafas de vinho em volta de caixotes marcados a ferro, inculcando por este modo um grande exportador de vinhos, se o seu expositor colhe apenas duas ou tres pipas para si e para a familia? Que significa um premio concedido a um simples negociante de vinhos, que os compra para revender? ou a um individuo qualquer, a um *sportman*, que expõe o seu cavallo de passeio, o seu cão favorito, ou um par de carneiros, que possui por curiosidade?

Estes factos, que a comissão executiva não devia permittir, demonstram que estamos longe ainda de comprehender a verdadeira significação dos certamens d'esta ordem, e tanto assim é que a miudo ouvimos dizer que a Exposição actual « não apresenta cousa alguma d'espantar », como se uma Exposição agricola fosse um bazar de raridades.

Apesar de tudo, porém, não temos como inteiramente inutil e despido d'importancia um estudo ácerca da Exposição, sendo para desejar até que esse estudo fosse feito por quem melhor do que nós o podesse realisar.

Analysemos, portanto, a Exposição occupando-nos dos principaes productos expostos, deixando de lado muitos outros de menor importancia para não alongar demasiado esta revista. Poremos tambem de lado muitos outros objectos, que impropria ou ridiculamente figuram na exposição, como mobílias de madeira e ferro, papeis para forrar casas, productos ceramicos, productos da fabrica de vidros da Marinha Grande, machinas de costura, flôres de cera e de papel, bordados de matiz e outros labores, expostos por varias damas, os quaes, se provam a sua habilidade manual, figuram muito ridiculamente n'uma Exposição agricola.

Que as damas nos perdôem a nossa pouca amabilidade, *sed magis amica veritas.*

Segundo a sua importancia economica, parece-nos deverem classificar-se os principaes productos agricolas do nosso paiz em dois grupos :

- 1.º Vinhos, gados, cortiça ;
- 2.º Cereaes, azeites e madeiras.

Do estudo d'estes productos nos occuparemos, mas antes d'isso permitta-se-nos que como filho do Instituto geral d'Agricultura demoremos algum tempo o leitor no pavilhão official e seus annexos.

Competindo á nossa escola superior d'agricultura a diffusão do ensino agricola pelo paiz, não é no limitado espaço do pavilhão official, que devemos ir procurar os resultados d'esta instituição, e examinar se ella tem ou não correspondido aos fins para que foi creada ; era sim na Exposição inteira que esses resultados se deveriam encontrar, se ella synthetisasse completamente o estado da nossa agricultura ; na propria realisação d'este certamen se reconhece como causa, mais ou menos directa, a influencia do Instituto agricola.

É incontestavel que a nossa agricultura, comquanto ainda bastante primitiva em grande parte, está comtudo muito mais aperfeçoada do que o era ha vinte annos ; e se para isto concorreram muitos outros factores, não pôde deixar de notar-se a grande parte que n'este resultado tem cabido ao Instituto.

Antes do estabelecimento do ensino agricola entre nós, a imprensa raro se occupava d'assumptos agronomicos, sendo-nos completamente desconhecidas as publicações d'este genero, tanto inglezas como francezas. Ninguem poderá negar que os trabalhos dos lentes do Instituto sobre a viticultura e vinificação tem operado uma grande revolução na cultura da vinha e no fabrico do vinho no nosso paiz. O mesmo se pôde dizer com respeito á cultura da oliveira e fabrico do azeite.

A introdução das machinas agricolas aperfeçoadas, segundo os modernos systemas, inteiramente desconhecidas antes da fundação do Instituto, reconhece a mesma origem, bem como os processos mais perfeitos de drenagem e irrigação, o emprego dos adubos artificiaes, hoje já bastante vulgarisados entre nós.

O estudo das variedades, e qualidades dos nossos trigos e milhos, com a indicação comparativa da área de cultura occupada por cada um, as condições em que são cultivados, a sua composição chimica, e valor nutritivo, estudo fertil, como se vê, em resultados practicos, tambem o devemos aos lentes do Instituto.

Antes que esta escola se estabelecesse definitivamente, as dif-

ferentes raças das nossas especies pecuarias não estavam sequer conhecidas; e é aos trabalhos dos nossos professores que se deve a sua classificação, o seu recenseamento, a apreciação das suas diversas aptidões.

Ha vinte e tantos annos que a nossa exportação constava apenas de 400 cabeças de gado grosso, hoje sobe a perto de 20:000. Este facto importante é o resultado d'estimulos e incitamentos, a que aquelles trabalhos deram origem.

É em todos estes factos que se encontra bem patente a influencia do ensino agronomico na nossa industria agricola, influencia que deveria levar os governos a dotarem-no com os mais poderosos meios para a realisação completa da grande obra já começada: a regeneração da nossa agricultura.

A exposição do Instituto geral d'agricultura consta de modêlos d'instrumentos agrarios, como charruas, cultivadores, semeadores, grades, rolos, distribuidores d'estrumes liquidos, etc., segundo os ultimos aperfeiçoamentos introduzidos; modêlos de rodas hydraulicas que maior emprego podem ter na cultura; apparatus distillatorios e aquecedores de vinhos, desengaçadores e esmagadores d'uva, varios modêlos de prensas como a de Marchand, Mabile e outras, lagar de vara, etc.; modêlos d'um lagar d'azeite aperfeiçoado, de cavallariças, d'um estabulo para bois, outro para carneiros, uma pocilga para porcos todos construidos e dispostos interiormente segundo os mais recentes aperfeiçoamentos. Os agricultores podem tirar os modêlos e applical-os, com as modificações convenientes segundo as condições em que se encontrarem.

Expõe uma collecção de doze tabellas em que se acham consignados os resultados de varios estudos de chimica agricola feitos por professores do Instituto, taes como, comparação entre as differentes qualidades d'adubos e sua influencia na vegetação das principaes plantas cultivadas; comparação da acção fertilisante dos adubos chimicos de G. Ville e do estrume de curral e de varios guanos; influencia da profundidade do enterramento dos estrumes sobre a utilização d'estes pela planta; ensaios culturaes para demonstrar varios factos da pratica agricola, como as lavouras fundas, etc.; uma tabella dos resultados da analyse chimica das palhas e dos fenos, a sua descripção botanica, e importancia alimenticia, estudo feito ultimamente por um lente do Instituto, e que fornece dados muito importantes para a physiologia vegetal e para zootechnia na parte relativa á alimentação dos gados.

Apresenta uma collecção dos trinta typos vulgares dos trigos portuguezes, com o seu estudo botanico, chimico, agricola e economico; outra collecção das quatro principaes variedades de linhos do nosso paiz, representados nos diversos estados de preparação;

uma outra collecção bastante importante das lãs portuguezas, com um estudo descriptivo, a sua classificação em *bordaleiras*, *merinas* e *estambrinas*, e a indicação dos pontos do nosso paiz em que mais predomina cada uma d'ellas.

Completa a exposição do Instituto uma collecção de oito cartas sobre as quaes se acha representada a distribuição pelo nosso paiz das differentes culturas, taes como, trigos, milhos, centeios, vinhos e lãs.

Todas estas collecções se acham convenientemente dispostas e esclarecidas com sua descripção e todas as explicações indispensaveis para se poder julgar perfeitamente da sua importancia.

A muitos poderá ainda assim parecer mesquinha a exposição da nossa escola superior d'agricultura, entretanto ella não podia apresentar mais do que os trabalhos dos seus professores sobre a especialidade; os resultados provenientes do seu ensino, das suas lições, só se poderão procurar, como já disse, no modo por que a sua influencia se tem feito sentir no estado da agricultura do nosso paiz. Se essa influencia não tem sido tão efficaz, ou pelo menos tão rapida como seria para desejar, a outros factos se deve ir buscar o motivo; na propria Exposição se pôde vêr, como adiante farei notar, quão benefica seria essa influencia sem os factos que a contrariam.

A Quinta Regional de Cintra apresenta-se menos pratica do que poderia ser, entretanto, excedeu em parte o que porventura se esperaria. Apresenta varias photographias dos seus diversos estabelecimentos, plantas da Quinta e da Tapada ou Pinhal da Mercês, que lhe anda annexo, e alguns dos seus productos agricolas.

É esta a parte em que se deveria mostrar mais rica, mas forçoso é confessal-o que é justamente aquella em que se encontra mais pobre, chegando alguns productos a serem inexplicavelmente apresentados em gesso. Entretanto a sua leitaria, funcção pelo mais modernos processos, torna esta exposição bastante notavel e mais ainda os seus annexos principalmente os do gado equino e bovino em que se encontram bastantes exemplares, que se podem considerar excellentes.

As colmeias não se apresentam de todo mal, mas infelizmente não correspondem a uma realidade, tão florescente como parece, na vida agricola da Quinta.

A respeito d'este estabelecimento d'instrucção agricola, do que elle é, e do que deveria ser, já disse o bastante no artigo anterior, e por isso passemos á secção florestal.

Em toda a Europa se vae cada vez mais accentuando a impor-

tancia das florestas, pelo grande numero de beneficios que d'ellas provém. São ellas que nos fornecem o combustivel, as madeiras para construcções civis e navaes, para as travessas dos caminhos de ferro, etc. O seu consumo para estes empregos cresce de dia para dia.

A acção das florestas sobre o clima, sobre a quantidade de chuvas n'uma dada região, e a sua distribuição regular está bem claramente demonstrada, bem como a sua influencia sobre a quantidade de fontes e nascentes a que dão origem. Nas altas montanhas em que a camada de terra aravel é de pequena espessura, a chuva cahindo fortemente sobre ella, arrasta-a consigo, desnudando o terreno, e enchendo d'areia os valles e os leitos dos rios. A arborisação das montanhas, segurando as terras por meio das raizes e fazendo dar um alto rendimento a terrenos improprios para outra cultura, modera ao mesmo tempo a força das chuvas e obrigando a agua a ir-se infiltrando pouco a pouco no solo, dá lugar á formação de numerosas fontes.

São tambem de grande utilidade os arvoredos para prender as areias moveis das costas maritimas, impedindo-as assim de ser levadas pelo vento para o interior onde vão esterilisar completamente os terrenos cultivados. Abrigam as culturas oppondo um dique á furia das ventanias devastadoras, e purificam os ares pela grande quantidade d'oxygenio que exalam para a atmosphera.

A falta de todos os beneficios produzidos pelas florestas, cada vez se vae tornando mais sensivel no nosso paiz, que tem proporções para ser um dos mais bem arborisados da Europa não só pela constituição physica e geologica do solo, como pela sua accidentação. A extensão, porém, da nossa área arborisada é bastante diminuta, as essencias, de que se compõem os nossos bosques, reduzem-se a bem poucas, e entretanto o numero de especies florestaes, que se dão no nosso paiz é já de si consideravel e susceptivel de ser augmentado ainda.

A exploração das mattas do Estado no nosso paiz resente-se dos mesmos males, que muitos outros ramos da administração publica; apesar d'isso, porém, a sua apresentação podia ser talvez mais instructiva.

Exhibe amostra dos varios productos das fabricas de resina-gem; um tronco de pinheiro representando a operação da gemmagem; alguns exemplares da fauna das nossas florestas, e uma collecção de madeiras, onde se encontram o pinheiro manso, o pinheiro bravo, o platano, o choupo, o freixo, o carvalho portuguez, o castanheiro, a acacia, o ulmeiro, o cedro, o bordo, o sobreiro, o eucalypto, etc.

Na disposição dos exemplares nota-se alguma desordem, e a falta absoluta d'indicações, limitando-se unicamente á designação da especie, quando seria de bastante conveniencia juntar-se-lhes muitas outras com respeito aos seus empregos usuaes, á intensidade da sua producção e do seu consumo, etc., com o fim d'elucidar o visitante sobre a nossa riqueza florestal.

São bastante curiosas e importantes as cartas representativas da distribuição pelo nosso paiz das diversas essencias florestaes, assim como as plantas topographicas das principaes mattas do Estado, e um numeroso herbario florestal. Completa a exposição uma collecção d'insectos e varias photographias representando edificações e outros detalhes das nossas florestas, notaveis por quaesquer circumstancias.

Chegamos, afinal, á parte da exposição que, na verdade, sobre todas me interessou, a installação particular do agricultor-agronomo, o snr. Francisco Simões Margiochi.

Esses que dizem, que as theorias ensinadas no Instituto geral d'Agricultura, não podem ter applicação na pratica agricola, que dizem que os agronomos d'alli sahidos nunca poderão vir a ser bons agricultores, e que, cheios d'uma sciencia ôca, sossobram quando descem á pratica, esses que visitem e que analysem as installações do snr. Margiochi e que vejam o que se póde conseguir quando no mesmo individuo se encontram reunidos o agronomo e o agricultor. É esta a verdadeira exposição do Instituto geral d'Agricultura, é allí que se vê o que podem produzir as sementes por elle espalhadas, quando acertam cahir em bom terreno.

Consta esta installação de tres construcções, modélos reduzidos das que se levantam nas propriedades do snr. Margiochi, no districto de Evora. Na primeira d'ellas, modélo d'um ovil, vêem-se algumas cabeças ovinas e caprinas, a este segue-se um estabulo para gado grosso, onde se vê d'um lado o gado bovino, composto d'uma junta de bois de raça alemtejana e algumas vaccas leiteiras; do outro lado o gado cavallar e muar cuja producção é uma industria importante no Alemtejo. Entre as possantes muares apresentadas, encontra-se o burro empregado na cobrição das egoas, um magnifico exemplar, pela sua grande corpulencia.

A seguinte construcção representa um dos vãos d'um alpendre destinado a recolher os instrumentos agricolas. N'elle se acha installada a collecção dos productos agricolas das propriedades do distincto agricultor-agronomo. É a collecção mais completa e instructiva das que se encontram na Tapada; consta de trigos, milhos, forragens, raizes alimentares, azeites, vinhos, azeitonas, fructas diversas, lacticinios, cortiça, madeiras, cortiças atacadas por

varios insectos, e os insectos que as atacam, uma collecção de diferentes qualidades de lãs, etc., etc., tudo devidamente classificado e munido das necessarias explicações.

Apresenta em desenhos as plantas e alçados das diversas edificações, cartas topographicas e agricolas das propriedades, com a designação das diferentes culturas dos afolhamentos seguidos, môdolos da escripturação adoptada, etc.

O que em tudo resalta logo á primeira vista é o methodo verdadeiramente scientifico seguido na exploração, até nos detalhes mais minuciosos; em tudo se nota os excellentes resultados da união fecunda da pratica com os principios scientificos.

Oxalá que este exemplo tenha imitadores.

(Continúa).

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

A ESTHETICA DO CONSELHEIRO

(Conto)

Uma fresca manhã de junho aquella em que o Manoel do Eido esperava na estrada, que da diligencia da carreira se apeasse o novo proprietario do antigo solar dos Sousas e Carneiros.

Uma vaga melancolia de paizagem arfava tepidamente pela encosta, e d'entre as ramarias do arvoredo secular o vulto architectonico do castello destacava, como um velho soldado mutilado, de frente erecta e magestosa, e apesar mesmo da ruina dos annos.

A chilradá dos passaros furava a neblina humida, e o João Cabana, cedo n'aquelle dia para o trabalho da empa, cavaqueava de passagem:

— Com que sempre fôra certa a venda da quinta.

— E mais que certo — confirmava o Manoel.

— Bons annos já que ella estava hypothecada ao Banco e que o Diogo a trazia de renda.

— Acabava-se-lhe a papa! E tanto que sahira para as feiras só para se não encontrar cara a cara com o patrão novo.

— Bem podera! Um desmazelo em tudo!...

— Não doía a seu dono! agora porém o snr. Conselheiro...

— Ah, esse bem podia!

— Tivera elle, Manoel do Eido, a *burra* do seu dinheiro d'elle, que não iria a propriedade parar ás mãos d'outro; tinha-lhe amor; creára-se por alli desde pequeno.

E circumstanciava:

— Poucos na aldêa se lembravam já dos fidagos velhos; era raça que se tinha desparatado pelo tempo dos francezes. Elle mesmo, o jornaleiro mais velho do logar, com os seus oitenta bem puxados, só de creança tinha memoria do snr. D. Vasco e da fidalga filha, quando iam á missa da freguezia e se assentavam no altar-mór, n'umas grandes cadeiras de velludo. Depois, quando fôra na guerra de D. Miguel, tinham alli estado uns mezes os herdeiros,

grandes patuscadas, e nunca mais por lá apparecera nenhum; tinham dado em Lisboa com tudo em pantana e a quinta e o palacio estavam desde então hypothecados ao Banco. O Diogo tinha enchido bem o papo; por isso aquillo estava tudo ao abandono! Mas a coisa, pelos geitos, cahira em boas mãos.

— Podera não! — considerava o Cabana — Só um homem de gosto é que se abalançava á compra; *canté* para rendimento só se derribasse o parque e mail'os jardins.

— Isso sim!... Logo um Conselheiro, um homem de representação, fôra até pelos modos lente em Coimbra! Aquillo agora era gastar uns continhos de reis e pôl-a um brinco para gosar! que não havia outra que se prestasse tanto, isso não.

Um rumor surdo de carruagem crescia das bandas do Sul; a estrada como que pulsava de vida e, na volta, a diligencia avistava-se, os cães ladravam de cima dos muros das quintas e as campainhas dos cavallos timbravam já claramente:

— Bastantes passageiros hoje — observava o Manoel do Eido.

— Já agora sempre lhes quero vêr os focinhos antes de ir para o trabalho — dizia o Cabana, — sobretudo ao tal Conselheiro.

*

S. exc.^a desceu; um guarda-pó comprido, suissas curtas moldurando a vulgaridade d'uma physionomia burgueza, olhos velados por umas palpebresitas papudas.

O Manoel apressou-se a pegar na maleta, no chale-manta e no guarda-chuva encapotado.

— Vamos lá vêr isso — dignou-se s. exc.^a dizer.

E tomaram pela deveza, o Manoel, ao lado, explicando, em quanto a diligencia seguia na sua marcha de mala-posta e o Cabana, cantarolando, se dirigia para o trabalho.

Uma paisagem de Corot; o rio tremulo beijando timidamente os grossos robles do parque e o velho castello feudal, a torre enlaçada pela hera, as ameias ennegrecidas, destacando, triumphante da sua ruina, do meio d'aquella vegetação minhota, luxuriosa e expansiva, com as seivas opulentas d'um estio risonho.

— Bem situado, pittoresco mesmo — dignou-se s. exc.^a dizer.

— Oh, quanto a isso! — acompanhou o Manoel.

— Mas lá por dentro ninho para ratos, hein?

— Mal conservado, mal conservado, as paredes velhitas já, e o soalho com bastantes buracos!

— Sim, sim, natural! E o Diogo, que fazia o Diogo?

— O Diogo... senhor!...

Encolhia os hombros, como tendo já significado bastante.

— As terras pelo mesmo theor e fôrma?

— Mal amanhadas, tinham fome de estrumes.

— O arvoredo, o arvoredo?

— Pouco tratado; as vinhas então precisavam renovar; elle ajudára em rapaz a fazer a plantação de muitas, assim como das arvores que hoje cobriam o pomar de cima.

— Que, a respeito d'arvores — acrescentava — eram já bem velhas quando elle era creança, aquellas formosas carvalheiras do parque e aquelles castanheiros, que davam sobre o rio; dizia-se que tinham seculos algumas, e elle não se admirava d'isso, porque para crear aquelle tronco, que os braços de quatro homens não podiam abraçar, só com o decorrer de muitos annos!... Mas velho, velho era o carvalho da anta, o que estava mesmo á entrada do castello, não havia outra arvore igual por aquellas vinte legoas em redondo, podia elle jurar-o, e contara-lhe seu avô em creança, que o carvalho já era uma bonita arvore, quando ainda o castello não estava edificado; havia até a lenda, de que indo um antigo ermitão da montanha em peregrinação á terra santa, esquecera allí o seu bordão, e d'elle nascera a arvore, que hoje todos admiravam. Cabia a gente da freguezia toda debaixo dos seus ramos! O senhor Conselheiro podia gabar-se, de que não havia outra que lhe deitasse a barra adiante por todas as terras do bispado.

— Sim, sim — monosyllabava s. exc.^a — uma bella arvore, não havia duvida, devia estar porém ao centro do parque; tolhia muito a entrada n'aquelle ponto.

E ia-se encaminhando para os jardins, ohs e ahs de espanto a cada desmazelo, calculos rapidos de concerto, de preparação de terrenos, de roteio largo e desenvolvido.

— Um dinheirão! os lagos nem ao menos podiam aproveitar-se para tanques de rega, tinha de fazer-se uma canalisação dispendiosa!...

Via-os exhaustos, escancarados n'uma desolação muda, como grandes covas abandonadas, as paredes fendidas, rugas d'uma velhice dolorida, o fundo apenas humido d'uma vegetação cryptogamica numerosa, que as rãs comprimentavam com o seu coaxar zombeteiro.

— E o resto da mesma fôrma! — As aleas, humidas de musgo, como arterias doentes, onde os globulos rubros da areia fina escassejavam, as casas de fresco cahidas em parte e cobertas por uma vegetação de trepadeiras tão densa, que não admittiam concerto, os canteiros arruinados, as arvores em pleno desenvolvimento livre, sem terem visto desde muito a tesoura do jardineiro, as plantas vulgares substituindo as flôres exquisitas, a ortiga invadindo triumphante, a hera enlaçando as camelias, toda uma bacchanal de vege-

tação, que os passaros apenas aproveitavam para accommodar os seus ninhos.

— Um dinheirão para renovar tudo isto — pensava o Conselheiro. — Dez dias pelo menos de corte d'arvoredo para poder o sol penetrar aqui dentro, sente a gente frio nos ossos! Mais valia talvez arrasar o muro e unir o jardim ao resto da propriedade; é um terreno aqui perdido... assim como o do parque... arvores que afinal já não servem senão para lenha!... veremos o que se poderá fazer; formarei o meu plano depois de ter visto bem.

E enquanto o Manoel do Eido fôra buscar a chave do portão do parque, s. exc.^a, fatigado, no meio d'aquella natureza tão calma e tão virgem, calculava os metros quadrados de terra que estavam roubados á cultura, o rendimento que poderiam vir a dar.

Era pouco interessante para elle aquelle silencio casto de bucolica virgiliana.

As fontes, sobretudo, tristes nos seus tenuos fios d'agua, visto que as correntes se haviam derivado para as campinas baixas, causavam-lhe uma cristação de desprezo; parecia-lhe que estavam languidamente a murmurar umas rezas de monges, uma toada saudosa de legenda; e, como aquillo o aborrecia, tapou a mais proxima com a mão, demorou-se um pouco até sentir a pressão interna do liquido, alegre de vér depois, ainda que por instantes, o jacto correr impetuoso e bater o granito com valentia.

— Assim é que vossês precisavam correr todas.

*

Grande azafama quinze dias depois no parque dos antigos Carneiros e Sosas; uma leva de trabalhadores contractados na cidade por s. exc.^a e um bando numeroso de jornaleiros do logar encarregavam-se de traduzir praticamente as ideias estheticas do senhor Conselheiro.

Linhas rectas nasciam da superficie do terreno e arvores derrubadas, como nos grandes trabalhos de desbaste das florestas, estendiam os troncos seculares por sobre a relva esverdeada e vasta. O sol entrava a jorros n'aquelle recinto velado desde annos pela ramaria do arvoredo, e viam-se os frescos musgos seccar, como se para elles houvesse terminado a protecção amiga das sombras humidas.

Os colossos vegetaes gemiam, ao baquear, o queixume dorido do stertor; e se alguem podesse olhar no invisivel, veria a figura da Meditação envolvendo-se na sua negra tunica de gaze e chorando, nas lagrimas da seiva e no pranto das fibras que estalavam, a perda do seu templo querido.

Radiante, porém, s. exc.^a o Conselheiro, multiplicava-se para animar os jornaleiros, dava e retirava ordens com o mesmo impeto de execução, pedia e recusava conselhos aos trabalhadores mais graduados, traçava rectas pelo alinhamento pisco do seu olho esquerdo, ordenava serviços urgentes, regirava cem vezes sobre o mesmo lugar e sobre o mesmo ponto.

Contentissimo por desfazer *aquelle ninho, aquella Babylonia* de arvoredo inutil!...

Não assim o Manoel que andava sombrio, desde que o primeiro machado estalára as fibras da primeira arvore do parque.

— Com os diabos, tinha-lhe amor; mas com um raio, não eram suas!

E dizia-se que o João Cabana o vira enxugar furtivamente duas lagrimas, ao assoar-se estrondosamente no seu grande lenço vermelho de quadros.

Trabalhava taciturno; quem sabe! talvez o sol seccasse tambem as inspirações da sua alma rude e simples, nascidas d'aquelle contacto com a natureza selvatica, como os musgos nasciam do bafejo d'aquellas sombras frescas. Comeu pouco, e ao sentir que a agua se obstinava em descer-lhe os gorgomillos:

— Raios partissem as arvores e mail'o Conselheiro; o que elle queria era o seu jornal pago.

Um erro psychologico do Manoel, que uma resolução de s. exc.^a veio tornar bem evidente.

O snr. Conselheiro pensára:

— Que tolhia a liberdade de entrada o velho carvalho da anta; era preciso arrasal-o para desaffrontar a vista do palacio. E ordenou o côrte, sem mais delongas.

— Machado para cima, queria *aquelle monstrengo* d'alli para fóra.

Manoel como que petrificou, encarando-o.

— Então de que te espantas, vamos, machado para cima!?

— Com mil raios! deite-lh'o v. exc.^a! ahi o tem... — e arremessou-lh'o d'um impeto explosivo. — Uma arvore d'estas, uma arvore que viu nascer mais de vinte gerações da freguezia!... Para que demonio servirá o dinheiro...

E tomou pela estrada fóra deixando o Conselheiro, um homem practico, a ajuizar-lhe do *desarranjo da bola*, e alinhando com o olho pisco a frontaria ensombrada do palacio.

BIBLIOGRAPHIA

Miragens seculares, por THEOPHILO BRAGA — Nova Livraria Internacional, Editora. Lisboa, 1884. — 1 volume

N'este livro vem o auctor completar um pensamento iniciado ha vinte annos pela publicação da *Visão dos Tempos*. (1864.) Superior aos outros volumes da série na concepção philosophica, esta collecção é em si um trabalho completo, e contém em resumo não só as ideias que inspiraram toda essa longa obra poetica, mas ainda o espirito geral da philosophia do auctor. Porque é o condão da obra d'arte exprimir com uma nitidez e concisão soberanas a verdade despedaçada pela laboriosa analyse scientifica ou pensamente organizada pela lenta generalisação philosophica. Se eu tivesse de escrever um estudo psychologico sobre Theophilo Braga, escolhia este livro entre todos os seus numerosos volumes, como o mais precioso documento de um tal espirito. — Em parte alguma a pégada humana se imprime tão fundo como no solo da Arte.

Homens ha que, por uma estrutura peculiar da sua intelligencia, não vêem na constante harmonia do universo senão um montão irregular e disforme de factos; que emparedados n'uma especialidade, julgam não haver mundo fóra da limitada esphera de phenomenos a que applicaram a sua investigação, e ignoram esta grande verdade que para conhecer bem uma coisa, é preciso conhecer bem todas as coisas; que não vêem da realidade senão uma das faces, ás vezes apenas uma aresta, e que agachados a um canto da Sciencia contemplam desdenhosamente toda a investigação que vae além do facto, com uma prudencia de espiritos mediocres e uma philosophia negativa.

Outros, pelo contrario, tem o instincto e a necessidade da synthese; através da innumeravel multidão de phenomenos elles se precipitam em busca da lei que os resume e que os explica. — Elles tem o genio da coordenação e da deducção continua, e precisam de agrupar constructivamente os factos dispersos dentro do estreito recinto de uma fórmula superior de que todos elles não sejam mais que os casos e os exemplos. A Sciencia começa verdadeiramente com esses homens, e os outros não são mais do que colleccionadores de dados concretos.

Theophilo Braga pertence a essa classe de espiritos cujo trabalho em todas as suas variadas manifestações está subordinado a uma ideia directriz: é essa ideia que seu novo livro de versos exprime e que tratarei de expôr.

Este livro é a Epopéa da Humanidade; escrevendo-o Theophilo Braga não sahiu do campo das suas investigações da Historia; ninguém mais bem

preparado do que elle pela sua immensa erudição e pelas suas aptidões generalisadoras para esse trabalho.

Desde o dia em que compoz o primeiro volume da *Visão dos Tempos* até hoje, elle não cessou de augmentar ou renovar o seu peculio intellectual, e esta obra é a corôa do vasto trabalho encyclopedico anterior.

No lucido prefacio que publicou em frente d'este volume e na nota que o fecha, expõe o auctor a largos traços a sua philosophia da Historia e a sua philosophia da Arte:

« A simples comprehensão da Historia é o thema fundamental de uma vasta epopêa; a Historia — *a lucta da Liberdade contra a fatalidade* — dá logar á seguinte trilogia:

« A Fatalidade, ou o conjunto de forças naturaes que o homem teve de vencer; os instinctos, e as instituições staticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e os odios nacionaes.

« A Lucta, ou o conjunto dos esforços empregados para alcançar os progressos successivos na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilização.

« A Liberdade, ou o momento em que o sentimento e a razão, accordando-se no mesmo fim scientifico, tendem pela disciplina positiva a reunirem o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição social as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica e metaphysica. »

O livro divide-se por conseguinte em tres partes — Cyclo da Fatalidade, Cyclo da Lucta, Cyclo da Liberdade.

A primeira parte é um grupo de poematos em que se celebram os grandes factos prehistoricos e as origens da Historia: os cataclysmos do globo, a apparição das monstruosas faunas e floras primitivas, as primeiras invenções, as migrações através dos continentes ainda desertos, as luctas do homem contra os elementos hostis e todas as forças destruidoras da Natureza indisciplinada, e as lentas creações organicas promovidas pela reacção do homem contra a Natureza. Os dados da Sciencia são tão altamente dramaticos que basta transcrevel-os coordenando-os, para se ter um quadro do mais vivo interesse; é o que fez o auctor, e a isso talvez se deva o ter esta parte do livro um menor cunho de idealização que as outras duas.

O *Cyclo da Lucta* conduz a Historia desde as primeiras civilizações até á Renascença. — Os grandes momentos historicos são successivamente representados na sua face mais elevada. Esta parte contém algumas das mais formosas poesias do livro, e é no seu conjunto a porção mais bella do volume. O estylo que na primeira parte partilhava da indecisão e da aspereza do assumpto, torna-se de uma grande facilidade e energia, e chega mesmo ás vezes como na poesia intitulada *O Sepulchro de Virgilio* a achar a sua-vidade e a força dos mais bellos trechos das *Torrentes*.

O *Pesadelo dos tumulos* exprime essa estranha doença que affectou uma das primeiras civilizações antigas e feriu de morte tudo quanto os dons naturaes e os esforços proprios tinham accumulado nas margens do Nilo. — A preoccupação da morte, que foi o traço dominante d'esse povo, está longamente exposta n'esse poemato que termina por um protesto contra os funebres dogmas do repouso, da immobildade absoluta:

Alargando os subterreos pavimentos
Aonde iriam gerações inteiras
Esconder-se no somno interminavel,
Flizeram-nos sentir que esses momentos
Da vida eram chimeras vãs, fagueiras,
E que era só verdade o que era estavel.

Esculpindo na pedra que não sente,
Immerso em trevas trabalhei constante,
Era o hypógeo baixel, eu o gusano:
O tempo corre rapido, e adiante
Se chego a conhecer que o dogma mente
Quem dá reparação ao grande engano?

Nunca o sol enxugou os nossos prantos
Que abrandavam a pedra onde ficara
O ignoto geroglyphico gravado,
Os Padres nos domavam com seus cantos
Submettendo ao trabalho a raça ignara,
Cada qual aspirava a ser finado.

Quantos mil annos dispendeu o Egypto
N'esse lavor das sepulturas baixas
Sem ninguem discutir da morte o mytho!
Queríamos que a esposa bella e nova
Fosse envolvida pelas mesmas faixas,
Merecendo ambos uma mesma cova.

Nós pagámos com sangue o frio asylo
Como casta servil, e obedecemos
A todos os caprichos dos tyrannos;
Esperando alcançar por graça aquillo
Que a natureza impõe, ledos morremos,
Crentes n'estes animicos enganos!

No Deserto de Deus está synthetisada a vida d'esse povo singular, que permaneceu n'um isolamento voluntario, e cujo genio tem a monotonia e a aspereza do deserto natal. Absorto na invenção do crédo monotheista, e esgotando a sua selva na actividade religiosa, elle não concorre ao immenso trabalho collectivo e harmonico que funda as sciencias, formula as artes, as industrias, as formações sociaes:

Mas os povos da terra amaldiçoados
Subjugam com trabalho a natureza;
Fundem metal, sulcam a terra, os mares,
Levam a toda a parte os seus productos;
Dão vida ao pensamento pela escripta,
Apossam-se do mundo, e fraternisam.

Mas o povo hebreu confinado n'uma ideia fixa, fica fóra de todo esse movimento, e quando entra no convivio da civilisação é para interrompelo pela creação do Christianismo:

Oh Povo eleito entre as malditas gentes,
Escolheu-te Jehovah, Deus solitario,
Para tornar-te o eterno vagabundo!

O Sepulchro de Virgilio é uma deliciosa poesia em que são postos frente a frente o principio romano da Justiça e o principio christão da Graça. — O fundo tradicional do poema é uma lenda medieval, em que S. Paulo chega ao tumulo de Virgilio e chora por ter vindo já tarde para salvá-o. Mas Theophilo Braga serve-se d'esta lenda como um pretexto para apresentar n'um contraste dramatico as duas civilisações em lucta. S. Paulo diz estes suaves versos, que destoam talvez um pouco da aspera eloquencia do Apostolo; o que é perfeitamente correcto quando se pensa que Virgilio e Paulo são aqui symbolos e não os verdadeiros personagens do drama:

Oh alma pura, ingenua, bem nascida
Para sentir o bello e a verdade!
Para ti minha vinda foi perdida.

Ao conhecer-te quem chorar não hade,
Vendo morrer no erro e culpa d'Eva
O melhor coração da antiguidade?

Tu foste como o guia quando leva
A luz adiante e a todos alumia;
Só para si não vae rompendo a treva.

Presentindo essa ideal melancholia
que fez do novo dogma a essencia, brando,
Sunt lacrimae rerum, proferia.

A nova ordem foste annunciando
Na voz *Saturnia regna*, não ouvida
Do povo que ia á saturnal em bando.

.....

Soubeste amar, sentir, outros gosaram;
Tiveste a dôr da ideal melancholia.
Com tedio os outros já se aniquilaram.

Virgilio! ah, como apostolo seria
O que dêra á verdade essa linguagem
Profunda, humana, e viva da poesia!

Se Paulo, aí tarde, da longiqua viagem
Podesse vir a tempo em tua procura,
Do Verbo novo dando-te a mensagem!

Ter eu vindo tão tarde! Desventura.
E ser já tarde, que lethal tristeza,
Para salvar essa alma ingenua e pura!

Virgilio responde-lhe antepondo á doutrina da Graça e do arbitrario a theoria da Justiça e a noção do Direito. Toda esta poesia tem por objecto a antithese d'esses dois factos. Theophilo Braga como muitos dos mais poderosos pensadores d'este seculo affirma o antagonismo entre o Christianismo e o espirito moderno inimigo de todo o privilegio. Alma essencialmente positiva e *humana*, elle não poderia deixar de combater uma religião que volta todos os pensamentos e esforços do homem para a conquista de uma felicidade extra-terrestre, e suspende a actividade productora em proveito da contemplação infecunda, substituindo ás energias creadoras da Sciencia e do trabalho a ignorancia voluntaria e a esterilidade perpetua do repouso e da renuncia.

Esses versos são singularmente bellos, o que se explica porque são a expressão de uma das convicções mais vivas do poeta. Não é de crêr que a meiga, feminina alma de Virgilio fosse capaz de inspirar-lhe essas viris palavras dignas de algum dos grandes descontentes da extrema decadencia do imperio, Juvenal ou Tacito; mas ellas estão á altura da alma romana que tentam representar, e do sentimento do Direito que exprimem:

«Não vieste tarde! E vê se poderias
Ao maximo pontifice do *Justo*
Leval-o a crêr na *Graça* do Messias?

Não poderia esquecer a todo o custo
Essa harmonia eterna das vontades,
Pelo dogma d'um privilegio augusto.

Cuspido á praia pelas tempestades
Vieste, Paulo, a tempo a dar a nova
D'esse mysterio ás immoraes cidades.

Emquanto da Justiça déra prova,
Roma foi grande, soberana e forte.
Quem haverá que a outra ideia a mova ?

Mas essa luz que foi sempre o seu norte,
Offusca-a hoje a purpura devassa ;
Do gangrenoso imperio soffre a morte.

Antepondo á Justiça a casual Graça,
Ao direito o favor... Paulo, entrá em Roma,
Se fallas em rasão o vulgo passa ;

Elle não te percebe. Ah, Paulo, doma
O ignaro povo com o doce engano,
Um absurdo em que creia, e um deus que coma.

Da bemaventurança pinta o arcano ;
Mas a doutrina só será fecunda,
Passada a embriaguez em que se funda,
Quando o teu Christo se tornar Romano.

Uma série de poesias entre as quaes avulta a formosa composição latina *Dilexit multum*, pinta a dominação do Christianismo, e a conquista gradual dos espiritos pela enervante acção do mysticismo. A agil e fecunda intelligencia da Grecia, a austera alma de Roma, são successivamente attrahidas e vencidas, até que finalmente a Europa não é mais que um vasto ataudão onde dorme esperando o despertar da Renascença o cadaver da nossa raça. Apesar de profundamente adverso ao espirito medieval, Theophilo Braga tem a felicidade de achar a linguagem propria para exprimir esses estranhos e doentios estados psicologicos, que foram os normaes durante os seculos que mediaram da queda do Imperio romano ao começo da idade moderna. — Algumas d'essas composições, taes como a *Vinha do Senhor*, a *Alma mystica*, formulam perfeitamente os pensamentos e as emoções do individuo humano em preza ao vago torpor e ás indistinctas aspirações do mysticismo.

O *Cyclo da Liberdade* é quasi todo occupado pelo poemeto intitulado *O Banquete dos Livres*. É nas vespéras da Revolução franceza ; o terremoto de Lisboa acaba de lançar o psmo e o terror pela Europa ; então os pensadores da Encyclopedia aprendendo d'esse cataclysmo a não contarem com uma Providencia harmonisadora no Universo, resolvem fundar um novo poder espiritual — a Sciencia. Todo esse poemeto está cheio de apostrophes vehementes contra o espirito clerical e auctoritario, e de fervorosas invocações a um ideal de Direito e de Verdade. Mas do meio d'estes cantos insurreccionaes e destruidores, destaca-se um hymno de uma serenidade e amplidão extra-humana : é a poesia intitulada *Firmamento*.

Com este, vem a litteratura portugueza a possuir tres grandes cantos que tem por objecto a totalidade do Cosmos ; os outros dous são o *Firmamento* de Soares de Passos, e o *Pantheismo* de Anthero de Quental. Cada um d'estes tres poemas representa uma philosophia.

O hymno de Soares de Passos é um producto do espiritalismo; o immenso universo apparece-lhe como sendo uma construcção tirada do nada por um Deus pessoal e omnipotente. Esse poema, o mais bello que sahio da penna do poeta portuense, hade ficar como uma grande manifestação do espirito humano considerando as cousas debaixo de um certo ponto de vista, ainda que os progressos do pensamento tenham deixado este ponto de vista muito para traz.

Anthero de Quental inspira-se no *Pantheismo*; o universo é para elle a tunica de Deus; e sob a immensa ondulação dos phenomenos elle vê o leito solido, a rocha do Absoluto; na tumultuosa passagem das Fórmas, no tropel estrondoso dos acontecimentos elle vê a immobildade augusta do *Quid* soberano de que todas as cousas são as parcellas e as faiscas; elevando-se nas azas da Intuição elle perde de vista a realidade e sobe ás regiões vazias e supremas onde assiste á genese dos séres e ao desencadeamento das omnipotencias.

Mas o poema de Theophilo Braga é a simples idealisação dos dados scientificos; com dous dados apenas: a Repulsão e a Attractão elle construe o seu universo e o seu hymno; o Deus pessoal e a vaga Substancia immanente estão bem longe d'aqui; o universo é uma machina, e a realidade um conjuncto de causas e effeitos ligados entre si pela soldagem da Necessidade:

Vós que brilhaes na via-lactea, Estrellas,
Sol que as energias nos alentas,
Terra, que assim opaca vás entre ellas
E a Consciencia e a Vida em tí sustentas,
Da Arte as concepções bellas,
A Noção racional e a Liberdade,
Tudo são fórmãs d'essa dualidade,
Mas transitorias, gradativas, lentas.

Tal é esse livro notavel, em que todas as partes estão subordinadas a uma ideia superior: a Solidariiedade humana. Mas essa mesma larga sympathia que o inspirou na sua concepção do Futuro e no seu ideal da Vida, o habilitou a exprimir os sentimentos das épocas mais diversas, e fez comprehender ao seu espirito moderno e positivo as dolencias do mysticismo medieval. Possa a Poesia entrar no caminho aberto por um dos seus primeiros representantes e um dos seus mais vigorosos pensadores.

M. BARRETO.

Anuari de la Associació d'excursions Catalana — Any segon.
1882 — Barcelona 1883 — 1 vol. de XX-612 pag. — 12 pesetas

Acaba de vér a luz debaixo d'este titulo um importante volume contendo, além da secção official, uns vinte estudos na sua maioria valiosissimos, quer sob o ponto de vista historico, quer sob o ponto de vista scientifico, acompanhados de 37 gravuras, 4 lithographias e 3 heliographias de mapps e copias de monumentos e localidades, etc. Todos estes trabalhos representam os serviços prestados á Catalunha, e á Hespanha em geral, pela

incansavel *Associació d'excursions Catalana*¹ no desempenho dos encargos que tomou ao constituir-se e que tão denodadamente tem proseguido desde a sua fundação, como se constata pelos 5 volumes do seu *Bulleti mensual* e pelo 1.º do *Anuari*. O 2.º volume que temos presente não desmerece das anteriores publicações, antes as sobreleva no seu conjunto pela somma inculcavel de dados que fornece aos estudiosos e aos homens de sciencia sobre a meteorologia, a mineralogia, a botanica, a zoologia, a topographia, a paleontologia, a historia, a archeologia, a numismatica, a epigraphia, a demopsychologia ou *folklore*, etc. respectivamente á Catalunha e aos Pyreneus.

O *Anuari* de 1882 divide-se em quatro secções: excursões; poesia; sciencias, artes e litteratura; e secção official. A primeira subdivide-se em: *Pyreneus*, contendo quatro estudos firmados pelos snrs. Arthur Bofill, Cels Gomis, Maurici Gourdon e Barão de Saint-Saud; *Catalunya*, encerrando cinco narrações assignadas pelos snrs. Cels Gomis, Maspons y Labrós, Osona e Arabia y Solanas; e *Provincias y extranger*, tres excursões dos srs. Nolasco Bofill, Fiter é Inglés e Alsina y Lubian. A parte poetica consta de canções populares catalãs annotadas pelo sr. Maspons y Labrós. A tereceira secção contém sete estudos dos snrs. Ricart y Giralt, Martorell y Peña, Claudi Girbal, Alsius y Torrent, Cortils y Vieta, Cuni y Martorell, Plantada y Fonolleda. Emfim a secção official compõe-se de uma chronica noticiosa referente á Associação desde 30 de junho de 1881 até ao fim do anno de 1882, de um curioso « índice bibliographico dos principaes artigos relacionados com o excursionismo catalão contidos nas publicações periodicas que figuram na Bibliotheca da Associação », de uma secção de meteorologia em que se resumem as notas dos observatorios estabelecidos pela Associação em Monistrol e em Sant Jeroni de Montserrat e na ermida de Santa Fé do Montseny, etc. etc. Todos os trabalhos do *Anuari* são escriptos em catalão, excepto os dos snrs. Maurici Gourdon — *Excursions dans la Haute Catalogne au mois de Juin 1882* e Barão de Saint-Saud — *Explorations topographiques dans le Haut Aragon*.

Não nos sendo possivel occuparmo-nos detidamente de cada um d'estes estudos, ainda mesmo só dos principaes, faremos umas rapidas considerações em globo sobre os assumptos que mais de perto prendem com o vasto campo da sociologia. De passagem, porém, observamos a riqueza de materias que se encontram para o estudo da historia natural nos artigos: *Neuropteros, hymenopteros y orthopteros de Campradon y encontradas ve-hinas* (p. 523); *Flora de Calella* (p. 557); *Mamiferos del Valles* (p. 567) e nas excursões dos srs. Arthur Bofill (dados malacologicos p. 66, 79) aos Pyreneos centraes, e Maspons y Labrós de Mollet a Bigas (molluscos encontrados na expedição p. 193), etc.

Sob o ponto de vista ethnographico, archeologico e chorographico as descrições dos excursionistas catalães occupam-se da região pyrinaica do Aragão e da Catalunha até ao Noguera Ribagorzana, e das provincias de Girona e Barcelona. Sob o ponto de vista historico merece particular attenção o estudo do nosso bom amigo Fiter é Inglés ácerca dos arredores do Cinca (provincia de Huesca) e o notavel mappa das Indias occidentaes attribuido ao maiorquino Palestrina (1516) que a Associação publica, confrontando-o o snr. Ricart Giralt com a carta moderna das Antilhas. Os estudos

¹ Sobre os fins d'esta Associação vid. o nosso estudo — *Os Clubs Alpinos e as Associações de excursões*, sua origem, desenvolvimento e utilidade, no *Commercio de Portugal* n.ºs 112 e 113 de 6 e 7 de novembro de 1879.

prehistoricos acham-se representados pelo snr. Arthur Osona respectivamente ao *dolmen del Avench*, de que nos dá um *croquis*, e tres sepulturas celticas, havia pouco, descobertas pelos irmãos Bach de Collsacabra (p. 230); e em especial pelo snr. Pere Alsius nas suas interessantes noticias sobre as estações prehistoricas de Serinyá e Caldas de Malavella, a primeira das quaes pertence evidentemente á época magdalenica e a segunda é um pouco mais avançada, porque já os seus habitantes conheciam algumas praticas agricolas e o fabrico dos objectos de ceramica. Acompanha este estudo uma heliographia representando alguns objectos encontrados em Serinyá pelo proprio auctor (p. 535).

A sciencia da glottica póde tirar d'este *Anuari* valiosos subsidios, tanto porque a lingua catalã já por si representa um dos ramos mais distinctos da classe de linguas chamadas novo-latinas, e talvez o menos estudado, como pela abundancia de fórmas dialectaes, peculiares a certas localidades ou regiões, cuidadosamente notadas pelos excursionistas. É opinião ainda hoje corrente entre os especialistas que as linguas romanicas derivam do latim vulgar ou popular levado ás provincias do imperio pelos legionarios e pelos colonos, o qual se transformou pouco a pouco e originou o francez, o hespanhol, o catalão, o portuguez, etc. Esta origem, que Hovelacque¹ declara demonstrada, irrefutavel, impossivel de pôr em duvida, não passa de uma hypothese, muito brilhante, muito seductora, é certo, mas insustentavel se nos lembrarmos, por exemplo, que os Romanos quando conquistaram a Peninsula iberica, encontraram aqui muitos povos uns isolados, outros confederados n'um estado de civilisação bastante notavel e que não é crível que estes povos abandonassem inteiramente as suas linguas para adoptarem a dos vencedores. Festo Avieno, Strabão, Plinio, Varrão, Polybio, Cesar, etc. descrevem-nos a Peninsula como muito povoada. Por outro lado, temos assistido n'este seculo á resurreição litteraria de muitas linguas e dialectos que a imposição de uma lingua official durante seculos não fez esquecer, embora tivesse a favorecer a sua vulgarisação pela imprensa, o que não succedia na antiguidade. Está n'este caso o catalão. Além d'isso os philologos tem recentemente aproximado as fórmas populares das linguas chamadas novo-latinas dos textos mais archaicos do latim, como o canto dos Arvaes, as Tabuas Engubinas, as inscrições e epitaphios. Tudo nos leva a crer que as modernas linguas peninsulares representam a transformação de duas linguas falladas na Peninsula antes da invasão romana, e irmãs do latim, do grego e do sanscrito, talvez mesmo mais antigas do que a primeira. Assim as semelhanças e analogias da lingua latina com as linguas hespanhola e portugueza encontrar-se-hiam n'uma commuidade de origem mais afastada. Modernamente vemos dar-se um movimento n'este sentido². Ora na lingua catalã achamos innumeradas palavras e varias fórmas syntaxicas que tem mais afinidade com o portuguez do que com o castelhano, notando-se n'aquellas a queda das vogaes finaes, ás vezes da ultima syllaba como indicio de maior uso por falta de fixação litteraria. Esta facta, já de si importante, adquire maior força ao constatarmos a existencia de termos semelhantes aos portuguezes em dialectos de certas localidades, ao passo que não se encon-

¹ *La linguistique*, p. 258 (1876).

² Cf. Th. Braga, *Elementos da nacionalidade portugueza* no 1.º vol. da *Revista de Estudos Livres* e o plano da *Historia da Lusitania e da Iberia* do sr. João Bonança, desenvolvido nos seus artigos publicados no *Commercio de Portugal*, n.º 1350 a 1362 (30 de dezembro de 1883 a 15 de janeiro de 1884).

tram nos principaes centros da região ou da provincia. Parece isto indicar uma origem commum. Vemos, por exemplo, em Castanesa, nos Pyreneus, dizerem: *almoyna*, esmola; *abadia*, expressão usada nas nossas provincias em vez de freguezia ou parochia; *mangala*, bengala; *candil*, palavra conservada no romance popular do *Bernal Francez* por candeia; *casera*, caseira; *mossos* e *mossas*, moços e moças na accepção de creados, etc. (p. 26). Em Bagnères de Luchon: *turbamulta*, turbamulta; *auberges*, albergues (p. 59). Em Ansó: *mangas*, mangas; *trenzado*, trançado; *basquiña*, vasquinha; *delantal*, avental (p. 137). Sobre as differenças dialectaes da lingua catalã fornecem ainda elementos o sr. Cels Gomis no seu trabalho ácerca de *La Vall de Venasch* (a p. 106) e sobretudo o nosso bom amigo Arabia y Solanas ex-presidente da Associação e actualmente director das publicações, no seu excellente estudo *De Ripoll á Girona*, onde publica um curioso vocabulario e varias observações a proposito da linguagem usual da provincia de Girona (p. 368).

A parte folklorica contida n'este *Anuari* não é menos interessante do que a philologica, e constitue mesmo um dos seus principaes attractivos. De passagem nas narrações de varios excursionistas encontramos a tradição de *Malehita* (maldita, p. 45), da qual temos muitos paradigmas em portuguez como a *Lenda de N. Senhora* e a *Submersão das cidade*¹; a de *La Fossa de la Minyona* (p. 244), a de *Las entoballas dels Encantats* (p. 245), a da fugida da virgem e do signal das ferraduras sobre o rochedo (p. 484), a da ponte do Diabo (p. 201, 206, 245, 406), etc. Sobre esta ultima, a da ponte que o Diabo andava construindo, mas que cahiu quando o gallo cantou, traz o snr. Maspons e Labrós uma nota curiosissima (p. 206) no seu estudo *de Mollet á Bigas*, o mais importante de todos sob o ponto de vista demopsychologico. No mesmo artigo encontramos uma lista das principaes tradições do Vallés em numero de 28, abundante cópia de dados sobre as tradições ligadas á lua (a do homem que anda lá com um feixe de lenha, a do caçador, a da filha da fiandeira, a da cara, etc.), uma desenvolvida nota sobre a festa de S. João, etc. O sr. Cels Gomis, no artigo já citado *La Vall de Vanasch* publica algumas cantigas populares (p. 108) que se podem comparar com as do *Romancerillo* do sr. Milá y Fontanals, e um adagio de que existe um paradigma em portuguez (p. 115). Emfim a collecção de canções populares catalãs, colligidas pelos snrs. Cels Gomis, Plantada y Fonolleda e Cortils y Vieta, e annotadas pelo sr. Maspons y Labrós, (p. 491 a 513) merece a attenção dos folkloristas; são treze, quasi todas ainda ineditas e a maior parte acompanhadas da toada. D'estas só *La Pepeta*, variante do *Rapto y lloro* do *Romancerillo Catalan* de Milá y Fontanals, n.º 277, se assemelha a um dos romances da nossa tradição oral, o de *Santa Iria*. Dos mais não nos recorda ter encontrado paradigmas nas collecções publicadas em Portugal.

Antes de terminar esta pequena noticia bibliographica, temos o prazer de annunciar a proxima publicação da *Bibliotheca popular de la Associació d'excursions catalana*, que vai ser inaugurada com um volume do snr. Cels Gomis ácerca de *Lo llamp y'ls temporals*. É um serviço enorme prestado pela Associação aos folkloristas e á sciencia ethnographica. Felicítamos por isso os iniciadores.

Resta-nos só agradecer o exemplar do *Anuari* com que a illustrada direcção nos brindou.

TEIXEIRA BASTOS.

¹ Th. Braga, *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, vol. II.